

ASSIGNATURAS  
 ANNO . . . 20\$000  
 SEMESTRE . . . 12\$000  
 Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

Escriptorio e Offcinas  
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25  
 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

O deputado Francisco de Sá, além dos vastos talentos que o exornam, além da posição especialissima de ser um dos grãos-duques da dynastia Accioly, é o relator da receita, occupando assim um posto de honroso destaque, de preeminencia, na Camara e nas camarilhas do palacio do Catete, de que a cadeia velha é uma dependencia.

O sympathico Chico de Sá é das alterosas montanhas, perden o cordão umbelical na terra de Tiradentes e o readquiriu para adherir á placenta acciolyana; Minas lhe foi berço, mas o Ceará lhe deu uma cadeira na Camara, uma das cadeiras da familia, cadeira occupada por s. ex. — valha a verdade — com muita competencia. Para bem definir esse homem politico, agóra em fogo, póde-se utilizar a imagem pictoresca de que elle é um queijo de Minas fabricado com o leite de vaccas do Ceará, mistura que infla em dobro o seu merecimento, como representante, o seu prestigio de genro de quem é, do alcandorado estadista do Icó, um especimen raro, unico, sem similar na fanna da politicagem.

O nosso *cearámineiro* emergia, de vez em quando, dos deliciosos espreguiçamentos da ociosidade e proferia um discurso que o absolvía dos longos intervalos de silencio, provocava grande azafama de communicações telegraphicas, assanhava a cunhadagem infinita em gyrandolas de adjectivos merecidos. Cada um desses discursos era uma hora para a família, pouco apta para esses *sports* da eloquencia, porque a intelligencia que Deus lhes deu mal chega para os gastos das necessidades caseiras.

Esperava-se que, na qualidade de lingua do mais perfeito dos satrapas estadoaes, o eloquente deputado, de accordo com os processos de engrossamento por todos os systemas, ado-

ptados pelo seu fecundissimo sogro, se limitasse a relatar discretamente a receita, tanto mais quanto chegámos ao esfolamento de um rabo de legislatura, trabalho sempre melindroso, sempre feito sob a pressão perturbadora das preoccupações da renovação da Camara, sob as contingencias da reeleição. Os factos vieram desilludir essa expectativa: o illustre deputado saíu do reducto sombrio das conveniencias e, sem papas na lingua, annunciou aos povos attonitos que estavamos ameaçados de um *deficit* de quarenta mil contos!

E, penetrando, desabusado, destemido, o terreno das censuras contundentes, como chicotadas de um azorrague crudelissimo, o relator da receita não recuou ante insinuações maliciosas ás obras da avenida, ás obras do porto, ás formidaveis despesas feitas com exclusão dos meios ordinarios de fiscalisação, entregues a uma repartição especial, independente da bisbilhotice rotineira e obstruente do Thezouro Nacional, de seus cerbéros, um sr. Jansen Muller e concomitante caterva; não hesitou em alvejar, com os seus dardos hervados de ironia, o activissimo ministro da Industria e o seu principal auxiliar no empenho patriotico de fazer engenharia, concluindo que a avenida ameaçava engolir as obras do porto, deixando o empreiteiro Walker *a nenhum*.

Nós não partilhámos da opinião pessimista do illustre relator; em primeiro logar, porque imputações dessa ordem não se fazem sem provas cabaes, recorrendo a informações que, apesar de serem attribuidas ao ministro da Fazenda, não são tão completas como seria para desejar em materia tão melindrosa; em segundo logar, por não comprehendermos como, sómente agóra, nesta ponta de cauda da legislatura, occorreu ao illustre parlamentar evocar um assumpto velho, que tem sido demasiadamente sóvado pela imprensa iconoclasta, a

imprensa sacrilega, bastante irreverente para abordar esse assumpto, vedado ás censuras dos profanos, inspiradas pelo deleterio intuito de atirar pó aos fulgores dos feitos gloriosos do governo, ás suas ingentes façanhas industriaes, meninas dos seus olhos, parte essencial do seu programma benemerito.

A origem das informações foi contestada pelo sr. Francisco de Sá, que se apressou em cobrir o ministro da Fazenda, affirmando que nenhuma só vez conferenciára com este sobre as obras do porto do Rio de Janeiro, sobre as suas finanças, sobre qualquer coisa relacionada com essas obras. S. ex. se excusou ao papel de arco de uma flecha disparada pelo sr. Bullhões no seu collega Lauro Muller, de maneira que não se sabe onde fôram hauridas aquellas tremendas informações geradoras das funestas apprehensões do relator da receita, subitamente transformado em callandra, vaticinando imminentes catastrophes financeiras.

Ouvindo as commovedoras conclusões de s. ex., um freguez assiduo do augusto recinto da Camara murmurou, sobresaltado:

— Ahi ha dente de coelho. Que teria feito o Lauro Muller ao Chico de Sá? Qual a causa desse teiró que explode em geitos assanhados, denunciando entranhada má vontade ao ministro?

O sr. Virgilio Brigido, nosso amigo e amigo do nosso amigo Sá, confirmou essa suspeita com um sorriso sarcastico.

Deve, na verdade, existir, no sombrio recesso das causas daquelle effeito formidavel, um motivo, remoto ou proximo, dessa inesperada explosão e desse vaticinio, formulado por um homem que não é estranho ás carinhosas intimidades do governo, nem ás suas graças inestimaveis, graças reservadas aos que teem olhos e não vêem, aos que teem orelhas e não ouvem, aos

que se habituaram á cegueira voluntaria das dedicações incondicionaes, aos que reputam uma profanação pensar, analizar e procurar a razão das deliberações infalliveis dos governos omnipotentes.

Para nós, essa surpreendente manifestação documenta preciosamente a crise de character que subverte todos os principios, todas as normas observadas num regimen de politica normalmente organizada. Ficámos cortados de assombro ante a mais terrivel imputação que se possa fazer a estadistas, a imputação de responsaveis por um *deficit* que attinge ao *record* na especie, num paiz cujas finanças, desde os tempos coloniaes, andaram arrombadas pela iucapacidade, pela iucompetencia, pela irrepressivel ignorancia de directores rotineiros, impassiveis ás luminosas indicações da sciencia, á lição intuitiva dos factos. O *deficit* foi sempre um infallivel berbigacho dos nossos orçamentos, mas não attingira, apesar dos erros mais grosseiros, á vertiginosa somma de quarenta mil contos.

Esse facto tem causas, tem responsaveis, que não podem ser outros sinão os gerentes das nossas finanças, dos altos negocios dos Estados, responsaveis por desidia, por negligencia, por desvios, por infracções das leis orçamentarias, pela má applicação da renda publica ou pessima confeição dos orçamentos. Consequentemente, os culpados do formidavel *deficit* devem ser o Governo ou o Congresso, aquelles que fabricaram os orçamentos ou aquelles que os executaram.

No primeiro caso, a Camara (não incluímos na responsabilidade o Senado porque este está excluído da fabricação das leis de meios, limitando-se, na angustia dos ultimos dias de sessão, o digeril-os sem mastigar) nunca se insurgiu contra a incontinecia das auctorisações excessivas, das auctorisações de favores pessoaes, dos aumentos de ordenados e outras prebendas de todo o feitio, destinadas aos eleitores que devem forjar as reeleições, a perpetuação da posse de cadeiras no areopago dos representantes da nação. A maioria da Camara, honrada com o concurso do sr. Francisco Sá, se resignou a votar sem convicção, obediente ao aceno do *leader*, que symboliza a confiança, o maravilhoso dedo do

Governo, oppondo-se, dobrada uma subservencia fanatica, a todas as patrioticas tentativas de esclarecimentos, de explicações, de projecção dos luminosos raios da critica nos antros sagrados, como o Banco da Republica, como os escaninhos secretos por onde se escôam, clandestinamente, subvenções incompativeis com a claridade, os jorros do maravilhoso filtro eliminador das resistencias, consolidador das adhesões, agglomeradas num bloco invencivel em torno dos governos. Uma Camara, assim submissa, não pôde escapar á responsabilidade do desastre.

No segundo caso, o Governo, executor dos orçamentos, jámais defrontou o menor obstaculo opposto pelos seus fiscaes constitucionaes, sendo do ritual qualificar a menor censura, as mais reverentes ponderações actos de hostilidade sinão movimentos de rebeldia, animados pelo intuito de crear difficuldades (é o termo consagrado) á benemerita gestão dos negocios publicos. Antes pelo contrario, foi sempre o principal empenho da solicitude desses fiscaes aplaiarem o terreno, ornamental-o, tapetal-o de flôres, para que a marcha triumphal do governo não tropeçasse na mais insignificante excrescencia.

Chegamos, portanto, á conclusão de que a Camara é solidaria na responsabilidade do *deficit*, sinão auctora principal, ao menos que se não despeñe no absurdo de se confessar inimputavel como instrumento inconsciente.

Mas... tudo se explica, desde que vemos o sr. Francisco de Sá, apesar das suas conclusões sinistras, apoiar com todos os recursos do seu talento, da sua acatada competencia, o governo arguido dos crimes condensados no formidavel *deficit*, nos desvios das £ 8.500.000 do emprestimo destinado ás obras do porto.

O movimento de rebeldia do illustre grão-duque acciolyno teria o defeito de ser tardio, si fôsse sincero. Sua alteza acordou dia claro e abriu os estremunhados olhos sobre o abysmo que ajudou a cavar, quando o palacio do Cattete já adquiriu o repulsivo aspecto de camara funeraria. E os des-affectos de s. ex. são capazes de desconfiar que, praça de selecção nos tripolantes do navio, se lançou ao mar, quando lhe presentiu agua no porão,

desconjunctado pelo embate dos vagalhões da opinião publica, quando surge no horisonte a fimbria da terra promettida ao sr. Affonso Penna.

\* \* \*

Contraste singular! No momento em que o sr. Francisco de Sá espanta os financeiros, amedronta o cambio, calca no bojo do credito do paiz com a ameaça do fabuloso *deficit*, o seu illustre sogro annuncia pelo telegrapho um saldo de novecentos e onze contos, accumulado nos prodigiosos cofres do thezouro do seu feudo, producto da extorção perpetrada pelo barbaro imposto de 3% sobre as transacções mercantis dentro e fóra do Estado, imposto justificado e encomiado pelo illustre deputado ceareuse como primorosa lettra do seu fecundissimo e engraçadissimo sogro.

Esse saldo, seja embóra uma phantasia como aquelle que foi legado ao juvenil sr. Pedro Borges e que este teve a franqueza, a alacridade immortal de reduzir aos fraugalhos de um artificio franduleuto, seja embóra da consistencia daquelles oitenta mil contos, muito problematicos, legados pela feitiçaria financeira do sr. Campos Salles ao sr. Rodrigues Alves, saldo que, talvez, não seja estranho ás origens do annunciado *deficit*, está indicando o commendador Accioly para a gestão da pasta da Fazenda.

Si, com effeito, o perigo é o *deficit*, o salvador, o regenerador da finança nacional deve ser um fabricante de saldos.

Ah! não se espantem: tudo *satria* a primor!

POJUCAN.

### Uma supposta theoria nova da historia latino-americana

O trecho transcripto, no artigo anterior, ácerca das iuvasões da Hespanha, pelos barbaros do norte, e depois pelos arabes, ácerca das luctas então travadas e das que se debateram na phase da reconquista, encerra uma duzia de erros, cada qual mais grave.

Dest'arte, é falsissimo, é um desacercto hoje apenas repetido por bisonhos collegiaes, o character que o auctor da *America Latina* attribúe á chamada invasão dos barbaros no começo do V seculo da era vulgar.

O sr. Bomfim ainda é daquelles que

ouzam repetir haver sido a allndida invasão um tremendo cataclisma, uma inesperada torrente devastadora, um furacão impetuoso partido dos quatro pontos cardeaes, a derrocar tudo, um terramoto, um incendio universal, conduzindo o terrivel concurso dos roubos, das mortes, das violações, das ruínas.

Ainda vem regalar os seus leitores com essas aparições phantasticas e aterradoras, encontrando no Rio de Janeiro, onde a decadencia dos estudos chegou a um gráu incrível de abaixamento, quem lhe bata palmas...

Pois não sabe o sr. Bomfim que os quatro longos seculos, anteriores á famosa e mal apreciada invasão, fôram empregados pelos imperadores romanos em attraírem, por todas as fórmas, os barbaros, concedendo-lhes terras por toda a parte, em alguns pontos, provincias inteiras?

Ignora que o grosso das tropas do imperio passou a ser composto de barbaros? que estes forneceram aos romanos decadentes seus melhores generaes?

Quem eram Ricimer, Stilicon, Odoacro, Theodorico, Arbogasto, Cariovisco, Hildemundo — ao serviço de Roma, chegando alguns a cazar com princezas imperiaes e ontros a tomar assento no Senado?

Alguns chegaram a ser imperadores.

Sob tres categorias diversas, eram as gentes germanicas incorporadas ás populações romanas: como—*dediticü*, que eram os prisioneiros de guerra, rednzidos ao *colonato*; como *foederati*, que eram as tribus alliciadas por contracto para, a troco de terras, occuparem-se das lavouras; como *laeti*, que eram as tribus fixadas, com grandes vantagens, nas fronteiras para defendel-as.

O phenomeno da infiltração lenta do imperio romano pelos barbaros é tão consideravel, é de valor tão indispensavel para a comprehensão da historia da idade-média, respectiva da historia moderna, que sobre elle se edificou até a theoria de *Dubos*, repetida, mais tarde, por Guérard, Littré, Coulanges, Lefèvre, de nem siquer ter havido invasão, these què, na mente de seus auctores, serve para demonstrar a *preponderancia* do elemento romano e a quasi nenhuma influencia do factor germanico em a cultura moderna. Isto na desasada opinião desses *exaggerados romanistas*.

A verdade é outra e bem diversa; nem está com *Dubos* e seus repetidores, absorvidos no *romanismo* a ponto de nada divisarem além, nem com *Boulainvilliers*, que, caíndo no extremo opposto, só via o germano, a invasão, a conquista em toda a historia moderna. A verdade está com os espiritos calmos, ponderados, imparciaes, equilibrados, dum Montesquieu,

dum Guizot, dum Aug. Thierry, cuja doutrina foi repetida e estribada, em documentos fornecidos pela mais segura erudição, por A. Geffroy Bryce, Laurent, Tourville e a maioria dos mais profundos historiadores modernos.

Deixe o sr. dr. Bomfim os delirios de Oliveira Martins e aprenda no *Santo Imperio Romano Germanico*, livro precioso do sabio auctor da *Republica Americana*, qual o verdadeiro caracter das relações dos romanos e germanos.

Leia, estude, com attenção e criterio, a excellente obra de A. Geffroy, *Roma e os Barbaros — Estudo sobre a Germania de Tacito*, e veja quão incoherente e obscuro é o cahos das idéas falhas, falsas, incompletas, contradictorias, que andou a arrebanhar e a pespontar nesse manto de retalho a que deu o nome de *America Latina*.

Preferivel a tudo seria que, após larga preparação na escola social de Le Play, fizesse seu livro predilecto de leitura e meditação nocturna, seu livro de travesseiro, dessa estupenda *Historia da formação particularista—A origem dos grandes povos actuaes* — de Henrique de Tourville.

Nessa obra prima do grande francez, aprenderia, com segurança, a ver o papel historico desses godos, desses francos, desses scandinavos, desses saxões, desses germanos, em summa, ácerca dos quaes o sr. Bomfim repete blasphemias e dispauterios, indignos dum homem de cultura, por pequena que seja.

Mas, para o fim indicado, bastaria que o dissertador do *parasitismo* e do *ciúme* tivesse, ao menos, conhecimento do 5º volume dos *Estudos da historia da humanidade—Os barbaros e o catholicismo*, de F. Laurent.

Abra-o á pagina 38 e faça commigo uma consolidação, um rapido resumo.

O mundo romano, com sua bella civilização, estava reduzido ao ultimo extremo, e, para sustentar um resto de vida, foi forçado a chamar em seu auxilio os barbaros. Não fôram estes que invadiram o imperio; fôram os romanos que lh'o entregaram.

De ordinario se costuma figurar a invasão dos barbaros como uma irrupção imprevista e subita das populações do norte; mas, bem antes do grande movimento de povos que precipitou a quèda do imperio no V seculo, o elemento barbaro tinha penetrado, de todo, o mundo romano. Mal tinha Roma acabado a conquista do mundo e tinha já começado sua ruina; sente que váe morrendo aos poucos e váe procurar entre os barbaros um novo elemento de vida. A população diminúe, Roma é forçada a recrutar suas legiões entre os barbaros. As terras sentem falta de braços para o trabalho, são chamados os barbaros para cultivar os desertos do imperio.

Populações inteiras são admittidas no territorio romano; os destruidores do imperio são estabelecidos no imperio. Os barbaros entram no serviço dos principes, cujo logar vão tomar; são elles que fazem e desfazem os imperadores; e até os homens que defendem o throno dos Cesares véem do norte. Enchem as legiões, occupam o sólo, dispõem do imperio; para precipitar a ruina, bastará um choque.

A invasão do V seculo apréssa apenas o curso dos acontecimentos e encurta a agonia...

Os romanos mesmos fôram procurar os germanos em suas florestas desde o tempo de Cesar.

O conquistador das Gallias admirava a coragem delles e formou cohortes selectas com esses terriveis guerreiros que espautavam romanos e gaulezes. Cesar os empregou nas guerras civis... Cobriram-se de gloria em Pharsalia; seu choque impetuoso fez em destroços a cavallaria de Pompeu.

Dest'arte, até a sorte da republica foi decidida pelos barbaros! Desde então, ficaram ao soldo do imperio e, á medida que os romanos desertavam das legiões, o numero dos auxiliares barbaros augmentava. No III seculo, seu serviço tomou fórma regular...

Tropas inteiras de germanos se estabeleceram no territorio do imperio; receberam terras com a condição de servir nos exercitos romanos...

A julgar pelo numero consideravel de seus estabelecimentos numa só provincia, Roma tinha mais necessidade dos barbaros do que os barbaros de Roma; só na Gallia a *Notitia Dignitatum Imperii* menciona doze acampamentos de *Laeti*, e taes colonias militares tiveram tão notavel desenvolvimento que algumas vieram a formar povos: os *Borquinhões* fôram *Lètes*... E si as legiões precisavam de soldados e as terras de agricultores, não se deve procurar a causa desse facto unicamente na corrupção e na fraqueza dos romanos: a população livre e a escrava se extinguíam, a cultura das terras estava abandonada; para completar as legiões, era mistér repovoar os campos. Para isso, os imperadores, além das tribus germanicas attraídas pelas vantagens do serviço militar ou pelas concessões de terras, distribuíam pelas regiões desertas os captivos provindos de suas raras victorias... Na ultima metade do II seculo, Marco Aurelio transportou os marcomanos para diversas regiões do imperio e, principalmente, para certas terras despovoadas da Italia. O imperador Claudio, cognominado o *Gothico*, povoou as provincias com agricultores de origem barbara; os romanos se envaideceram ao ver suas propriedades cultivadas por trabalhadores cuja servidão lembrava a victoria das legiões e não percebíam que andavam instal-

lando ua imperio seus futuros destruidores. Aureliano transplantou para a Mesia os antigos habitantes da Dacia... Probo, conhecendo a paixão de independência dos barbaros, collocou-os a immensas distancias de sua patria: vandalos na Britania, gepidas nas margens do Rheno, francos no Danubio e na Asia Menor, bastarnos na Thracia... E, todavia, os desertos augmentavam com a decadencia do imperio. As necessidades do fisco tinham avultado com a desordem e os perigos do Estado; as provincias, na miseria, deviam pagar no dobro contribuições que não podiam supportar na opulencia: os agricultores fugiam dos campos.

Tal a situação do imperio no reinado de Diocleciano.

O imperador augmentou o mal com o crear uma côrte ao gosto oriental; mas procurou remediar o mal, povoando os campos com trabalhadores barbaros. Pôz nesse designio toda a sua energia.

Os seus collegas de administração, ajudaram nos seus planos. Maximiano estabeleceram os francos nas terras baldias dos Nervios e da região de Treves; as victorias de Constancio Chloro obrigaram os chavanes, os frisões e outros povos barbaros a trabalhar as terras para os romanos... E' esta a crueldade da situação; os melhores imperadores, os Marcos Aurelios, os Dioclecianos, os Constantinos vêem-se obrigados a entregar as provincias aos futuros senhores de Roma.

O imperio tem apenas de romano o nome e as fórmulas, os barbaros fazem toda a sua força. Os godos forneceram 40.000 homens a Constantino, e foi com os barbaros que o primeiro imperador christão venceu Licínio nos campos de Andrinopla e da Chalcedonia, onde succumbiram os ultimos defensores do paganismo. E dest'arte, os barbaros decidiram até a victoria do christianismo. Os dois elementos principaes da civilização moderna estão senhores do imperio; falta só afastar os ultimos escombros da antiguidade. A sociedade greco-romana abate-se e morre; os imperadores sentem que ella não lhes offerece mais apoio e lançam-se nos braços dos germanos. Graciano tem tanto amor para com os barbaros quanto devotamento ao christianismo e não occulta o desprezo que lhe inspiram os romanos; abandona a toga e a veste pontificia: dir-se-ia um repudio da antiguidade nos seus elementos essenciaes, a cidade e a religião.

Véem, pois, homens do norte; o mundo está apto a recebê-los.

Em 376, a fama annunciou ao imperador Valente que um movimento immenso agitava o norte, que populações barbaras, impellidas por outros povos mais barbaros, tinham sido des-

locados de seus altos recessos até ás margens do Danubio. Uma embaixada dos godos confirmou esses boatos: expulsos de seus vastos dominios pelos hunos, imploravam a clemencia do imperador, supplicando que os deixasse cultivar os desertos da Thracia. Promettiam abraçar o christianismo e defender as fronteiras do imperio como auxiliares. Com esta noticia, os cortezaes de Valente exaltaram a felicidade do príncipe a quem a fortuna trazia guerreiros invenciveis dos confins da terra... A transplantação dos godos dá inicio á invasão dos povos do norte... Theodosio restabelece, em simulacro, a dignidade, do imperio; mas, em realidade, este pertence aos barbaros.

Elles é que formam, quasi por si sós, os exercitos, tanto dos imperadores como dos pretendentes á purpura. O mundo romano é como vasta arena, em que acampam e se abatem os barbaros. Seus chefes governam o imperio... Havia muito, tinham investido as mais altas dignidades; tinha-se já visto um godo no throno e não havia razão para recuzar o consulado e o commando das legiões áquelles que davam Cesares aos descendentes degenerados dos vencedores do mundo.

Ao ler os nomes dos generaes romanos, Hartmund, Haldgast, Hildemund Cariovisc, suppôr-se-ia que se estava nas florestas da germania. Galliano contracta os serviços do chefe dos herulos—Naulobat, e faz delle consul. Constancio Chloro tem por companheiro d'armas o rei dos alamanos—Eroch.

No IV seculo, não se pôdem mais contar os francos, os alamanos, os godos, os burgundios que desfructam cargos da côrte ou do exercito. Alguns revestem-se da purpura, e é o caso de Sylvano e Maguencio; outros, mais prudentes como Reciner e Argobasto, lançam-na aos hombros dalgum romano e reinam em seu nome. O vandalo Stilichon, sogro de Honorio, governa o Occidente por quatorze dilatados annos.

Barbaro de genio, capaz de defender o imperio contra os barbaros, succumbe sob os golpes da inveja duma côrte decrepita.

Rompe-se o ultimo dique, Alarico toma Roma.

As provincias e a Italia estavam arruinadas, despovoadas pelas usurpações dos grandes proprietarios e pelo despotismo dos imperadores. A classe média, os agricultores livres, tinham desaparecido; o resto estava por tal fórma aviltado que comparou esses miseros decadentes a mulheres, e só os barbaros eram homens. Sem elles, o mundo romano teria succumbido ao exgotamento.

Fala-se muito, declama-se dema-

siado sobre a morte da civilização pelo ferro dos barbaros.

Essa morte não passa de uma figura; a sociedade romana não foi exterminada. Longe disso. A invasão não foi tão destruidora, quanto praz repetir á rethorica dos declamadores; as conquistas dos barbaros fôrão mais uma occupação que uma guerra. Só encontraram resistencia nos primeiros seculos quando Roma era ainda forte; no V seculo, o imperio foi-se retirando successivamente das varias provincias, as legiões fôrão desaparecendo, a nação não deu mais signal de vida. Era como si não existisse. Os alanos, os vaudalos, os suévos e muitos povos a elles reunidos, diz o chronista Orosio, atravessaram o Rheno, invadiram a Gallia e chegaram, sem o mais leve obstaculo, até ás faldas dos Pyrenens. Ninguem, exclamava Salviano, quer morrer e ninguem busca os meios de não morrer; tudo está em uma inacção, uma covardia, uma preguiça, uma negligencia inconcebiveis; só se pensa em comer, beber e dormir..

Tem-se procurado, conclúe Laurent, que tenho vindo a seguir, tem-se procurado a razão desse singular phenomeno duma nação que se deixa pilhar e expropriar sem nenhuma resistencia; nós accusamos o despotismo dos governantes tanto quanto a corrupção dos povos. O materialismo antigo, adicionado aos excessos da tyrannia imperial, lançou os homens num abatimento que os tornou indifferentes ao proprio destino. Como se haviam de apegar a uma patria que não mais existia? a uma ordem social que não lhes garantia nem a vida, nem a liberdade? O governo dos barbaros parecia-lhes preferivel ao regimen romano. (Laurent—*Etudes sur l'Histoire de l'Humanité*, V; pag. 38 e seguintes.)

A' vista deste quadro tão diverso das aberrações que andam a transviar o sr. Bomfim, deve elle perceber que não pôde com os barbaros arredouar a cifra dos 12 seculos de luctas e guerras perennes de que precisa para desnaturar o genio iberico em o espirito de méros *depredadores e parasitas*....

Desfiemos outros erros do trecho transcripto.

\* \* \*

Todo o esforço do sr. Bomfim é para demonstrar o estado de guerra permanente da Hespanha durante 12 seculos seguidos. O fim a que destina essa falsificação da historia é conhecido: é para arranjar um periodo de luctas e depredações que lhe parece o prologo indispensavel a todo parasitismo social.

Não sei como elle conta os seus 12 seculos de eterno pelear. Não se conhece invasão nenhuma na Hespanha

que diste 12 seculos da conquista de granada pelos christãos, termo que o sr. Bomfim dá ao seu periodo de perpetua matança.

A dos ligures, conforme a lição de Martius Sarmiento preferivel á de Jubainville, dista 32 seculos; a dos phenícios, segundo a chronologia de Velleio Paterculo, 26; a dos carthaginezes, 19 a 20, si se toma em consideração seu predomínio sobre a mãe-patria nas regiões occidentaes do Mediterraneo, e 18, si attendemos á sua conquista directa de certas partes da Hespanha: a dos romanos, — 17; a dos godos, — pouco mais de 10 seculos e meio.

Contar 12 é que não vejo como. Nem os 32 seculos que decorrem das primeiras incursões dos ligures; nem os 26 da entrada dos phenícios; nem os 20 ou 21 da chegada dos celtas, dos quaes me ia esquecendo; nem os 19 ou 20 da vinda dos carthaginezes; nem os 17 do apparecimento dos romanos; nem os 10 e meio do advento dos godos fôram preenchidos pela constante carnificina souhada por Bomfim.

Já tive occasião de lembrar os quatro ou cinco seculos da paz romana; cumpre, agora, acrescentar que, estabelecidos os ligures, os phenícios, os celtas em determinadas regiões peninsulares, decorreram dilatados seculos de florescimento e socego entre as gentes ibericas que chegaram entre os tudetanos, no dizer de Strabão, a um alto gráu de cultura.

Coisa é essa que se não adquire no meio do incendio de todos os dias.

«Comparados aos outros ibericos, escreve Strabão, são os tudetanos reputados os mais sabios; possúem uma litteratura, historias ou annaes dos antigos tempos, poemas e leis em verso que datam, ao que pretendem, de seis mil annos; nas outras nações ibericas teem tambem a sua litteratura, ou, melhor, as suas litteraturas, pois que não falam todas a mesma lingua». (*Livro III da geographia*, de Strabão, trad. de Gabriel Pereira, pag. 6).

Para chegar ás suas conclusões, o sr. Bomfim não desnatura só, como se viu, o character das invasões germanicas, em geral, na Europa; desfigura nomeadamente as que se deram em Hespanha.

Vê-se de sobra que, em taes assumptos, elle nunca leu os grandes historiadores, os que escreveram com os documentos authenticos e coevos á vista.

Sua sciencia historica é bebida, além do extravagante, apressado e pouco versado O. Martins, em ignobéis compendios de historia universal que andam ahi estupidificando a mocidade.

Do longo trecho citado — destaco estas palavras: «Em 415, luctam os visigodos contra os vándalos, que são finalmente expulsos para a Africa.

Segue-se a lucta contra os alanos e suévos, que só termina em 584, pelo aniquilamento definitivo destes ultimos, fixados na Galliza, e que, nessa data, perderam de todo a independencia».

Eis ahi: tantas palavras quantos erros.

Dest'arte, não é verdade que os visigodos tivessem luctado em 415 com os vándalos. Não é verdade que se tivesse seguido lucta com os alanos e suévos. Tudo isto está desvirtuado, invertido, erradissimo para o uso do parasitismo bomfinico.

Aprenda, meu caro; deixe o Martins e abra livros de gente de saber, e não de productores de fancaria.

Abra a *Historia das Instituições Sociaes da Hespanha Goda* e note como os factos se passaram, conforme o testemunho de Idacio, Orosio, Santo Isidoro e outras testemunhas do tempo.

Em 409 os suévos e os vándalos estabeleceram-se na Galliza, uns na parte occidental e outros na oriental; no mesmo anno os alanos apoderaram-se da Lusitania e parte da Cartaginense, ao passo que os silingos occuparam a Betica.

Tudo quasi sem resistencia. Em 415, entraram os visigodos, e, logo no anno seguinte, sob as ordens de Wallia, e ainda por conta do imperio romano, exterminaram os silingos da Betica, (Repare, sr. Bomfim) e, em seguida, os alanos, causando-lhe tal mortandade e estrago que os poucos sobreviventes, morto seu rei, Atacio, deixaram de formar corpo de nação e fôram confundir-se na Galliza com os vándalos de Gunderico, chefe destes desde o tempo da invasão.

Desta narrativa, se depreheende que das cinco gentes barbaras em presença na peninsula no anno de 415 — silingos, alanos, vándalos, suévos e visigodos — só as duas primeiras é que fôram destruidas, em 416, — silingos e alanos — e não vándalos, como asseverou o propagandista do parasitismo.

Não é tudo; dos trez povos restantes em 416, — visigodos, suévos e vándalos, — estes se retiraram em 429, treze annos após o aniquilamento dos alanos e silingos, não por lucta com os visigodos, sinão por outras causas.

Os factos são estes:

Mal avindos com os suévos, aos quaes combatiam e sitiavam nos montes Erbasos, abandonaram o cerco sem motivo conhecido, apoderaram-se das Baleares, destruíram Carthagená, saquearam Sevilha e estenderam-se pela Betica, já livre dos silingos. Chamados depois pelo conde Boni-

facio, emigraram para a Africa em 429. (Perez Pujol, op. cit. II, pag. 10).

Ficaram na peninsula os dois povos germanicos que nella consideravelmente influíram: os suévos — que desfructaram quasi dois seculos de prosperidade; os visigodos — que tiveram tres de grandes esforços em pról da civilisação.

O influxo dos suévos, na formação do genio gallego e portuguez, foi do maior valor.

Não é aqui o logar de o explanar. Nem o devo fazer pelo que toca aos godos quanto á Hespanha.

Para o caso em debate, — character selvagem da invasão, — é de sobra oppôr ao sr. Bomfim o testemunho dos chronistas do V seculo já citados.

E' o que váe já ser feito; mas antes não será sem vantagem mostrar-lhe que o caso dos suévos não é assim tão simples, como lhe parece, e não se decide numa pennada. Nem elles andaram sempre em guerra; dos quasi duzentos annos que tiveram de independencia na peninsula, mais de cem fôram em seguida de inalteravel paz; nem fôram destruidos, com levianamente affirma o escriptor sergipano.

Depois de batidos os selingos e alanos e afastados os vándalos, ensina Pérez Pujol, só faltava saber a qual dos dois povos, godos ou suévos, havia de pertencer o dominio da Hespanha. De quasi toda ella se apoderaram os ultimos, e seu rei Rechilan pôde estender seu imperio pela Lusitania, a Betica e a Cartaginense; vencidos, porém, por Theodorico II e depois por Eurico, em 469, ficaram reduzidos á antiga posse da Galliza e da parte da Lusitania até ao Tejo. Segue-se um *seculo inteiro de paz* (Repare, sr. Bomfim) desfructada pela monarchia suéva.

Neste periodo, o Estado se constituiu e chegou a florescer durante o seculo VI com a vitalidade revelada nos concilios de Braga e nos escriptos de São Martinho Dumienne.

Em 584, quasi dois seculos depois da invasão e após cem annos de paz, perderam a independencia politica e fôram incorporados ao imperio visigotico. «Pero su influencia, accrescenta o grande escriptor, se hace sentir de um modo perceptible, no sólo en la epoca goda, sino en el periodo seguinte al reconstituir-se la España de la Edad Media.»

Vá notando o sr. Bomfim o quanto ignora essa historia dos suévos, por elle representada qual uma especie de bandidos aniquilados, da noite para o dia, pelos visigodos.

Como quer que seja, dizia eu, não foi só a invasão geral dos barbaros na Europa — a desfigurada pelo sr. Manoel Bomfim. Peculiarmente o foi a da Hespanha, *devastada a ferro e fogo*,

depredada, como era dos costumes da epocha, repete o parasitador de Oliveira Martins.

Não é esta a lição dos factos aprendida nos escriptores do tempo, os quaes, por entre exaggeros inspirados no seu patriotismo contra os barbaros, chegam a confessar a verdade quando asseveram que, passado o primeiro impeto, os invasores transformaram as espadas em arados e usaram de tal brandura que as proprias populações hispano-romanas preferiam o governo dos barbaros ao dos imperadores. «Irrupta sunt Hispaniae, cades vastationesque passæ sunt... quanquam et post hoc quoque continuo barbarie execrati, gladios suos ad aratra conversi sunt, residuos que romanos ut socios modo et amicos fovent, ut inveniantur iam inter eos quidam romani qui malint inter barbaros pauperem libertatem, quam inter romanos tributariam sollicitudinem sustinere.»

São palavras de Paulo Orosio, que tinha mais razões de conhecer a verdade dos acontecimentos do que os novos serzidores de remendos para essas colchas de retalhos chamadas *Americas Latinas*...

Firmados nos chronistas, nos Orosios, Idacios, Isidoros, Rodrigues de Toledo, Salvianos e oitenta outros, os grandes mestres chegam a ensinar que, posto tivesse sido a primeira irrupção a mais violenta praticada pelos barbaros, não é, comtudo, comparavel á guerra de exterminio praticada em varias partes de Hespanha pela Republica Romana, não havendo no seculo V nenhuma hecatombe como a de Numancia, não sendo destruida pelos caudilhos dos novos conquistadores, depois da victoria, cidade alguma como friamente as destruiam, ás centenas, os ferozes proconsules. Bem longe disso; logo que viram languescer a terra por falta de cultivo, repararam por sorte as provincias, convocando os habitantes; com estes dividiram o sólo para que o cultivassem, mediante tributo, e as terras que para si reservaram fôram por elles mesmos agricultadas. Como socios e amigos começaram a tratar aos provincianos, muitos dos quaes, na phrase do chronista, chegaram a preferir a livre pobreza desfructada entre os barbaros á expolição e tyrannia com que os agonizavam os magistrados romanos. (Op. cit. II, pag. 9).

Tres seculos durou o governo visigodo na Hespanha, sendo os dois primeiros na mór parte della e o ultimo na sua totalidade. Viram interrompido o bello surto de seu desenvolvimento pela conquista arabe, é certo; erra, porém, em claro quem no tempo de seu dominio só vê guerras, luctas, depredações e massacres.

Si assim fôra, seria inexplicavel toda a historia medieval e moderna da pe-

ninsula. Bem cedo prepararam a reconquista; e, em pouco tempo, toda a metade septentrional das Hespanhas estava independente. E não foi arabe que appareceu falando ás novas populações, sinão romanço (E' como escreve o sabedor Leite de Vasconcellos), isto é, dialectos novo-latinos, nos quaes o influxo suévico e gothico é patente.

E a influencia nas instituições administrativas? e nas juridicas? e nas politicas? nas industriaes?

Muitas dellas já tinham sido apontadas por Masden, Marina, Montesquien, Guizot, Herculano, Ginoulliac e outros. Constituem o objecto da obra monumental de Pérez Pujol.

Não é aqui o logar e a occasião de compendial-as.

Estude um pouco mais o sr. Bomfim, que acabará por conhecel-as.

Urge mostrar como errou em claro ácerca da invasão arabe.

SYLVIO ROMÉRO.

### D'AQUI E D'ALLI

A imprensa amarella dos Estados-Unidos fez, ha pouco tempo, grande barulho a proposito da conferencia do cirurgião inglez, o sr. Osler. Diziam os jornaes *yankees* que o medico britânico tinha declarado, muito simplesmente, que, depois dos sessenta annos, o cerebro humano fica sem valor e que todo sexagenario deveria ser docemente eliminado por meio do chloroformio. O sr. Osler não disse absolutamente isso, mas, sim, que o melhor da obra intellectual dos homens que trabalhavam com o cerebro se fazia antes dos quarenta annos e que, depois dos sessenta, a sua producção se tornava muito inferior. Goethe disse mesmo que se não adquirem mais idéas novas depois dos quarenta. Macaulay, porém, faz observar que, si grandes obras teem sido produzidas antes dos quarenta annos, as maiores e mais bellas são devidas aos cerebros de mais daquela idade. A affirmação do sr. Osler tem sido muito discutida. E' exacta, talvez, para certos generos de trabalhos intellectuaes e muito falsa para outros. E' certo, porém, que o cerebro não está de todo prohibido de dar, depois dos quarenta annos, peças superiores ás que produziu antes dessa idade.

\* \*

No Congresso de Esperanto, recentemente realizado em Boulogne-sur-mer, reuniram-se 1.200 membros, que, durante tres dias, falaram o esperanto uns com os outros. Esperantistas catholicos assistiram a uma missa onde se entoaram canticos em esperanto. Em uma das sessões, artistas ita-

lianos, francezes, inglezes, russos, allemães e noruegueses representaram, na futura lingua universal, uma comedia de Molière. O seu inventor, dr. Kamenulof, que presidia o Congresso, affirma que, graças á sua simplicidade, o esperanto póde ser lido á primeira vista com a ajuda do dictionario e que em uma hora de estudo, se aprende toda a grammatica e um vocabulario consideravel.

\* \*

Publicaram em Lyon, em edição posthuma, o ultimo livro de Gabriel Tarde, *Fragmentos de historia futura*. E' uma engenhosa utopia no genero de Morris e de H. G. Wells. Um cataclisma tendo trazido o periodo glacial, os homens encerram-se com os thezouros das civilisações passadas, em cavernas sub-terrestres e ali gozam o apogeu do poder e da felicidade. Esta idéa é precisamente o contrario da de Rousseau e de Tolstoi, que pregam a volta á natureza. Não compreliende a dilatação da vida moral social sinão no divorcio definitivo com todas as fórmulas naturaes. E' um paradoxo e, como todo paradoxo, traz uma parte verdadeira. Lê-se com prazer essa fantasia fina e profunda, onde o estylo abstracto do philosopho se enfeita com os encantos artisticos que muitas vezes attingem á belleza.

\* \*

Acaba de ser descoberto um sello romaico ou valaco, que tem um seculo quasi; traz a data de 1 de junho de 1818, assemelha-se a uma hostia, é redondo, azulado, e com as margens denteadas. Apparecem, como effigie, as armas da Valaquia: uma aguia de azas estendidas, levando ao bico uma cruz, repouza sobre um globo onde estão inscriptas as iniciaes do *doum* da epocha. Nesse tempo, o serviço de correio era feito pelo postilhão e as taxas a pagar sendo conforme as distancias percorridas, nenhum valor estava marcado no sello.

\* \*

O novo ministro da marinha dos Estados-Unidos, o sr. Charles J. Bonaparte, devia ser chamado cedo ou tarde ás mais altas funcções publicas do seu paiz. Antigo alumno da escola Haward, é amigo, desde pequeno, do presidente Roosevelt que o tem agóra como seu auxiliar. Charles Bonaparte, que é, como se sabe, o neto do rei Jeronymo, e, por consequinte, sobrinho de Napoleão I, é um dos grandes advogados dos Estados-Unidos. Assignala-se pela energia de uma campanha emprendida contra os funcionarios prevaricadores de Baltimore,

a sua cidade natal. O ministro norteamericano é de estatura acima da média e parece-se extraordinariamente com o seu avô, o rei de Westphalia.

\* \*

Em janeiro de 1906, a guarda suíça celebrará o quarto centenário da sua chegada a Roma. A convenção para a formação de uma guarda suíça de duzentos soldados foi concluída em outubro de 1505, com o papa Julio II. O primeiro capitão dos suíços do Vaticano foi Gaspard de Sileuen, que levou a Roma os duzentos guardas, e a primeira companhia foi massacrada por ordem do condestavel de Bourbon, quando este pillhou a cidade eterna. Após esse acontecimento, vinte e um annos se passaram e só depois é que os suíços retomaram o seu posto em Roma, donde nunca mais saíram. No entanto, os seus serviços fôram interrompidos em 1798 e em 1809, por ocasião da occupação franceza. Os suíços voltaram a Roma com Pio VII, e, desde então, não abandonaram mais o Vaticano.

\* \*

A senhorita Roosevelt, a filha do presidente dos Estados-Unidos, foi pedida em casamento 3.552 vezes; o ultimo pretendente repellido é o sultão Zula, que sentiu pela joven uma paixão subita e violenta, por ocasião da sua passagem por Mindanán, nas ilhas Philippinas. O sultão ficou muito incommodado quando soube que a senhorita Roosevelt recuzara ser sultana favorita.

\* \*

Nos Estados-Unidos, principalmente em São Francisco, os japonezes immigram em grande numero. Vêem, sobretudo, para aproveitar as vantagens educativas. Quasi todos, estando sem recursos, empregam-se como creados e pedem aos patrões algumas horas cada dia para seguir a lição das escolas publicas. Trabalham pela manhã, vão para a escola á tarde e de noite estão livres. Depois de dez mezes passados nessas condições nos Estados-Unidos, voltam para o seu paiz. Actualmente, estão em São Francisco 180.000 japonezes.

\* \*

A senhora americana Evangeline Rand, que falleceu ha pouco tempo em Florença, deixou seiscentos contos destinados á fundação de uma escola socialista em Nova-York, que se torne o centro intellectual dos Estados-Unidos.

### Fragmentos de estudos da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

#### III

A situação era apertada. D. Pedro parmaneceu, por alguns dias, indeciso. O seu espirito, reagindo sobre a violencia do temperamento, meditava, adejando de resolução em resolução.

Os acontecimentos em Portugal, a vehemencia dos discursos de Fernandes Thomaz e dos liberaes nas côrtes de Lisbôa dum lado; e de outro lado, as agitações populares no Rio de Janeiro, os appellos que lhe faziam o capitão-mór Rocha, o dr. Léo, o conego Januario e outros patriotas, promotores do movimento revolucionario forçaram-no a escolher uma das causas, ou a da colonia, ou a da metropole.

D. Pedro, tendo vindo creança e já habituado a viver no Rio de Janeiro, que elle amava, sentia-se apegado ao sólo e compartia das paixões do patriotismo brasileiro. As seducções de gloria de fundar um imperio e de ser o guia dum povo na conquista da liberdade, attraíndo-lhe o espirito, acordavam-se com os seus sentimentos. Havia nelle o idéal da grandeza, do heroismo, e o tino de não deixar escapar occasião de praticar feitos que perpetuam um nome na admiração dos seculos. Já pelos affectos, que consagrava á terra americana, já pelos proprios interesses do representante da realza, decidiu-se pela causa brasileira, como si fôra um natural do paiz.

Estes embates tem grande importancia para o historiador, que procura interpetrar nos actos, nos pensamentos das grandes individualidades, a razão dos acontecimentos. E' indubitavel que tiveram nimia acção sobre a alma do principe.

O tempourgia e o duque de Bragança já custava a debater-se, afflictivo, de encontro ao problema, que torturou o personagem de Shakespeare. Si não tomasse um dos partidos, correria o risco—*de ser, ou não ser*.

Em verdade, como ficaria no Brazil, si a revolução irrompesse e triumphasse sem o seu concurso? Como regressaria á metropole e enfrentaria as côrtes? De que modo conservaria o dominio hereditario, quando, no reino europeu e no americano, a revolução tentava despojal-o?

Ora, si os interesses da herança monarchica o preocupavam, tambem lhe ferviam no cerebro as ambições e a paixão de governar, que o requeimavam como ferro cadente. Avivaram-se-lhe os impetos demagogicos, de que havia dado amostras nos ajuntamentos populares do largo do Rocio. A despeito de tudo, que o impellia á

acção, ao contrario de seu temperamento impetuoso, immobilisava-se no projecto de *simples separação*.

Pensava d. Pedro que, enquanto el-rei vivesse, bastava que o Brazil tivesse governo separado de Portugal e esse governo exercido por elle, herdeiro dos dois reinos, que considerava patrimonio da casa de Bragança.

A separação *seria temporaria*; o Brazil conservaria com a metropole, unicamente, o liame da solidariedade nacional e, logo que lhe tocasse a corôa, o reino americano unir-se-ia sob o seu sceptro.

Nesse pensamento, absorvia-se o principe e acreditando remover as difficuldades, satisfazer os patriotas brasileiros e impôr silencio aos discolos de Lisbôa, e, desta sorte, conservaria inteiro o patrimonio e saciaria a paixão insofrida de mando e poder absoluto, reinando desde já; parecia-lhe que o reinado de d. João se prolongava demasiado.

Os acontecimentos e a disposição dos animos, porém, mostraram-lhe evidentemente que o problema não se resolveria com a separação temporaria, ou provisoria; metteram-lhe pelos olhos a terrivel realidade. Os portuguezes exigiam completa submissão do Brazil e este queria a independencia absoluta. Dos dois lados manifestaram-se actos de hostilidade. As côrtes supprimiam os tribunaes e as instituições de progresso que melhoravam a sorte do paiz.

Tomavam a peito destruil-as para, mais facil e promptamente, escravizal-o. Faziam ruir por terra a obra dos 13 annos do governo de d. João, que, em 1815, o elevára á categoria de reino, redusido a agóra descer á triste e misera condição de capitania, outr'óra explorada por avidos donatarios.

Não era preciso tanto para provocar um levantamento e travar-se a lucta. A tarefa violenta da recolonisação não parou; não poupon coisa alguma. A' medida que as côrtes esforçavam-se em aprestar os meios azados a subjugar a colonia, os brasileiros, levados de desespero, recorreram ás armas.

Um povo, que experimentára alguns dos beneficios da civilisação e da liberdade, difficilmente submette-se; elle comprehende que as santas e nobres causas não vingam sem grandes sacrificios, sem as sublimes energias da abnegação...

Do seio augustioso das multidões prorompia como que um canto de morte, ou de salvação.

« *Deixar a patria livre,  
Ou morrer pelo Brazil.* »

Pela tenaz furia das côrtes e pelo desespero que a população mostrava, quando os recolonisadores vibravam

crebros golpes, pretendendo destruir os elementos de progresso que d. João VI accumulou nas plagas descobertas por Alvares Cabral, podemos hoje avaliar hoje os importantes serviços e benefícios, que el-rei fizera aos brasileiros, preparando-os para melhores destinos, prejudicando os interesses da mãe-pátria, sofrendo ambições gananciosas.

No correr do movimento, o povo fluminense, com o presidente do Senado da Camara á frente, veio, em densa e numerosa procissão, supplicar ao príncipe que desobedecesse o decreto das côrtes e não saísse do Brazil.

D. Pedro proferiu, então, o celebrado *Fico*, lançando, como Cezar, á margem do Rubicon, a conhecida phrase — *alea jacta est*. (1).

A revolução estava quasi acabada, desde este momento, e, com ella, a independencia nacional realisada.

A situação clareava-se para todos que occupavam a scena, tomando parte no perigoso drama da rebelião. Os brasileiros precisavam do efficaz concurso do príncipe. Este era uma força, um poder, para o resultado triumphal, assiu como esperauça de feliz desenlace e segura garantia no desastre.

Em verdade, sem a cumplicidade do duque de Bragança no crime de rebelião contra as leis da monarchia tradicional, os brasileiros não emulariam de audacia e de patriotismo nus com os outros. Muito receio teriam de aventurar-se a empreza de funestissimos perigos. Por mais que anhelassem conquistar as liberdades cívicas, sem duvida, não deixariam de apavorar-se á vista dos tremendos exemplos e dos crueis supplicios, ainda recentes, de 1817. As sombras ensanguentadas do padre Roma e de Martins volteavam aos olhos de todos os patriotas. D. Pedro dissipou nos animos o pernicioso influxo daquella sinistra visão. Aos patriotas brasileiros não era dado prescindir da valiosa cooperação do filho d'el-rei, sob diversos pontos de vista, no interesse da causa nacional que sustentavam. Conheciam ser de maxima vantagem o estar d. Pedro exercendo o governo, o poder dispor de recursos pecunios, de força armada e de prestigio moral; de ter um centro de acção já organizado; emfim, de dirigir, de moralizar, fortalecer os poderes da revolução victoriosa.

Dali vem o fanatismo com que cercaram o duque de Bragança, acclamando-o defensor perpetuo.

A historia (dizem) é a biographia das nações. Alguns escriptores, reproduzindo a imagem dos personagens que figuraram como Pedro I e José Bonifacio, traduzindo-lhes os gestos, repetindo-lhes as palavras, — cuidam nos haver explicado a vida dos avo-

engos. Si assim fôsse, seria tarefa inutil, ou, como se exprime um eminente escriptor inglez, — muito superficial, porque, occupando-se de actos exteriores dum pequeno numero de governantes e governados e contentando-se com relatar simplesmente certos acontecimentos publicos desligados das respectivas causas, nada nos fazem comprehender concernente ao character, ás condições, ao desenvolvimento social do povo (2). Por nossa parte, pensamos que cabem á historia deveres da moral e da politica e o ensino dos povos; tratando de factos multiplos, intrincados e obscuros, que, muitas vezes, não se comprehendem nem se explicam, cumpre estudal-os e esmerilhá-os, observal-os com a paciente attenção dum naturalista zeloso, notando nos phenomenos sociaes e politicos as relações, que prendem uns aos outros, os antecedentes aos posteriores, descobrindo as causas que os produziram, os moveis das acções e os resultados patentes.

José Bonifacio e Pedro I (na realidade crúa e innegavel) não são os personagens glorificados pela *lenda* e pelo *enthusiasmo*. A lenda desvirtúa e falsêa a verdade historica, convertendo o ministro em patriarcha, attribuindo-lhe a iniciativa da independencia, apregoando-o o creador della. O enthusiasmo popular elevou o príncipe como Defensor Perpetuo, auctor da emancipação e fundador do Imperio. O príncipe e o ministro — ambos — fizeram relevantissimos serviços á causa nacional; deram-lhe fórma; bem ou mal, organisaram-na. O que não foi de pouca monta; póde-se dizer um sôpro de vida, que a avigorou nmiamente.

A Independencia, porém, não é obra da iniciativa exclusiva de nenhum delles. A nação inteira instinctivamente a queria e, antes delles, reclamando-a, a iniciava. Eis ahi porque não ha um só homem que se erga e possa dizer — eu a iniciêi, eu a fiz. Nem Garibaldi, na Italia, o devia dizer; elle a achou na herança, qual o mais doloroso legado, das gerações extinctas.

As côrtes de Lisbôa concorreram, tambem, para o facto glorioso, provocando bríos, açulando odios, pretendendo recolonizar as terras de Santa Cruz. Nenhum brasileiro, á vista do tentamen hostil das côrtes, hesitou em tomar parte na lucta em prôl duma idéa que borbulhava em todas as consciencias. Entretanto, alguns escriptores, entre nós, inspirando-se na *lenda*, affirmam que José Bonifacio é o patriarcha, porque só d'elle partiu a iniciativa da Independencia. Escrevem os feitos historicos, segundo a escola que sómente reconhece as grandes individualidades, como se vê na theoria do

philosopho mais eloquente do seculo XIX (3).

Até o momento, em que pronouciou o *Fico*, d. Pedro não queria fazer a Independencia; nem o seu primeiro ministro José Bonifacio. Os patriotas e o povo — esses, sim, anhelavam, pediam e estavam promptos a todos os sacrificios para obtel-a. D. Pedro hesitava por uma razão psychologica e do seu particular interesse de herdeiro da corôa da casa bragantina. Era esse o movel que o impellia e o levava a não ultrapassar a *separação provisoria*; mas, quando os acontecimentos impossibilitaram e lhes nullificaram os calculos, o príncipe deixou-se arrastar pela paixão de exercer o poder absoluto e andazmente converteu-se em campeão da causa brasileira.

Duas categorias de provas estabelecem tal facto; uma, induzida dos moveis psychologicos, que ficaram indicados; outra firmada em documentos authenticos e inconcussos, isto é, a carta que d. Pedro escreveu ao pae, *jurando que a Independencia só se faria depois de passarem sobre o seu cadaver*. De certo, essa era uma promessa de resistencia até á lucta extrema; por consequente, houve nua phase, no drama revolucionario, em que o defensor perpetuo não o quiz ser.

Dessa carta, documento verdadeiro e irrecusavel, conclúe-se que a idéa da Independencia, já iniciada, agitava a alma do povo brasileiro, antes do duque de Bragança, logar-tenente de d. João VI, acceital-a e trabalhar em prôl da mesma. A idéa brotou das entranhas e dos sentimentos da nação, espontanea, anouyma, natural e sem a intervenção *imaginaria* dos personagens lendarios. Vinha esta idéa incubada, por assim dizer, na alma nacional, desde tempos reinotos.

Uma nação não pensa, não sente ao aceno das grandes individualidades que, na doutrina da philosophia germanica, tem o direito de conduzir o mundo; o philosopho Schleiermacher *voijait dans les hautes personnalités l'incarnation d'une idée, que ils ont pour mission reveler aux foules. Le Tout Puissant, qui les envoie de siècle en siècle, les anime d'un feu sacré. On les nomme, suivant les temps, dieux et héros, voijants et prophètes, patriarches et mediateurs.*

.....  
Quanto a José Bonifacio, sem aprofundar, por ora, mincias e investigações psychicas, lembrarei e apontarei apenas duas provas documentadas: 1.<sup>a</sup> — as instrucções dadas por elle, como ministro, aos deputados brasileiros que partiam para as côrtes. Nessas instrucções, o venerando patriarcha preceituava a intima união e solidariedade das duas fracções da nacionalidade portugueza, excluindo a idéa da



emancipação política e da Independencia.

E' evidente, por esse documento, que o venerando patriarcha, em vez de iniciar, já encontrára a idéa; e em vez de avigoral-a, tentou abafal-a; 2.<sup>a</sup> — quando os promotores do movimento falavam de independencia, de liberdades e constituição, José Bonifácio proferiu estas palavras: sou bem capaz de mandar enforcar estes patriotas, constitucionaes e independentes, no largo do Rocio.

Assim, o patriarcha não só não iniciou, como seguramente não accitava a idéa até áquelle momento, quiçá por poderosos ou razoaveis motivos.

O estudo dos actos, das palavras, do modo de pensar, das circumstancias da vida e educação nos nzos do regimen da monarchia tradicional, o gosto pelas praticas do absolutismo, tudo, enfim, demonstra que havia no primeiro ministro de d. Pedro a mesma paixão pelo governo absoluto e arbitrario, paixão que elle accendeu e desenvolveu no coração do imperial discipulo e foi uma das victimas.

Nós, que não podemos, *de visu*, contemplar a sociedade daquella temporada e vivemos, hoje, respirando outra atmospherá, sob o influxo das idéas modernas e que conhecemos as praticas do regimen de governo arbitrario e absoluto pelas narrativas dos contemporaneos, não hesitamos em condemnar homens, que, como José Bonifácio, procederam de conformidade com as necessidades, circumstancias, uzos e costumes, geralmente acceitos no meio social onde nasceram e viveram.

José Bonifácio e Pedro I poderão allegar circumstancias attenuantes perante a posteridade e, si não se justificarem, serão, todavia, perdoados. Elles quizeram servir bem o paiz; não souberam proceder de modo diferente; vinham educados na escola da monarchia tradicional e saturados das doutrinas do despotismo. Mas dali não se segue que a historia os desculpe e não recorde os seus gravissimos erros. Que José Bonifácio não era o *santo homem* que os seus idolatras pintam; pelo contrario, era um refinado absolutista e arbitrario — prova-o certo documento authenticico e, por assim dizer, official. Releva considerar que essa prova é ministrada por seu irmão Antonio Carlos, que proferiu, em occasião e logar solemne, o seguinte: « *Eu sou irmão de um homem que grandes serviços, e bem mal pagos, fez á nossa terra, affeioado, porém, muito ao arbitrio, porque julgava elle que, exercendo-o, tudo iria bem: eu amo muito o meu paiz, dizia elle; concedo, respondia eu. O que quero é o seu bem. Parece, dizia eu; logo tudo que eu quero é justo. Duvido, respondia eu. Eis*

*aqui: o typo do governo era meu irmão; typo do deputado era eu.* » (4)

E' essa a pretensão de todos os despotas e dos governos arbitrarios.

Procuram inculcar que tudo fazem, ou querem unicamente por bem do povo e gloria dos subditos. Crêem, mesmo, que governam paternalmente e, portanto, repetem o verso do poeta:

« *A vontade paterna é bôa sempre* »

Mas esse vate não sabia discriminar a differença, que váe do coração dum pae ás garras ferôzes e inclementes do poder arbitrario *sem péas nem contrapezos*.

O discurso citado de Antonio Carlos não é simples revelação; é uma auctorizada e competente confirmação; contém valor historico precioso, força probatoria irrecusavel. A qualidade de testemunho insuspeito me a circumstancia da condição de ter podido observar com segurança e criterio os sentimentos, palavras, intenções e actos.

Sob o ponto de vista historico, o referido discurso esparge fulgurante luz sobre os factos (que parecem increveis) do periodo do ministerio de José Bonifácio, (16 de janeiro de 1822 a junho de 1823), ministerio que se notabilizou já por muito labor util, já pelo excesso de arbitrio, de devassas, de prisões illegaes, de contínuas prepotencias e das praticas de que tanto uzou e abuzou o marquez de Pombal, imitado carinhosamente por José Bonifácio. (5)

O irmão de Antonio Carlos ostentava sempre o sentimento de ser bom e justo tudo o que elle fazia, ou queria. Na ingenuidade do amor paternal pelo muito bem que dedicava ao seu paiz, estava convicto de proceder com extrema justiça. A credulidade da tolice humana accitou a convicção do patriarcha, consagrando-a na *lenda*. Por uma deploravel ironia, a *lenda* diz, tambem, que esse homem, *muito affeioado ao arbitrio*, (6) é o fundador da liberdade civil e politica do paiz...

A historia não se confunde com a *lenda*, que é anonyma, creação do genio das multidões populares, e canta inconscientemente por subitas inspirações. O historiador deve observar e applicar, religiosa e conscientemente, o criterio da verdade e da justiça, do direito e da razão: só deve julgar a José Bonifácio pelos actos que praticou.

E' um dos mais rigorosos deveres da historia pezar os factos, estudal-os com paciente e escrupulosa meditação e nelles surprehender as emoções, apurar os sentimentos, verificar as intenções, penetrar na consciencia das grandes individualidades que figuraram nos dramas das revoluções, ou promoveram os beneficios da paz aos povos que governaram.

Em verdade, de que maneira julgar um homem que, no instante em que o povo se levanta, pedindo para si a dignidade de ser livre e o escolhe para seu guia e instituidor, arbitro de seus destinos—esse mesmo homem pretende guial-o, governando-o com as leis, com os uzos, com as praticas do regimen contra o qual se rebellára?

Quando o povo esperava a liberdade, elle o condemna a curvar a cerviz ao jugo da escravidão, submettendo-o a devassas e a outros processos da tyrannia!

Esse homem, si não fôr considerado um incapaz, ou perverso, pelo menos parecerá um embusteiro, que atração aquelles que depositaram nelle plena confiança.

José Bonifácio assim procedeu, por muitas razões resultantes das circumstancias do estado mental, moral e social do Brazil naquelle tempo. Os homens que pediam a liberdade, não a sabiam comprehender nem servir; contrariavam-na por ignorancia e rudeza. E' por isso que o procedimento do patriarcha parece contradictorio, sinão absurdo e desleal.

A' historia cumpre apreciar esses motivos. Deve considerar que José Bonifácio foi educado sob o regimen da monarchia soberana, absoluta e despotica; viveu saturado das doutrinas que eliminavam na natureza humana o principio da inviolabilidade da pessoa intelligente, moral e livre.

Naturalmente esse homem dos antigos tempos, e educação, sempre se conservou sectario do passado e não deixaria de ser inapto representante das novas idéas, aspirações e necessidades.

O destino — e não a propria vontade — lançou-o no revolvimento do turbilhão das revoluções dum povo que se sacrificava pela Independencia.

José Bonifácio — já velho e fatigado — preso ao sólo da patria, não podendo fugir delle, por força maior achou-se envolvido e arrastado pelo movimento, que de certo não promoveu e muito menos iniciou. Pela competencia de seus talentos, patriotismo e sciencia, organizou e serviu o paiz, como ministro e deputado. Era um erudito, um sabio, naturalista e poeta extraviado, e arrebatado pelo bulcão da procella politica e foi varrido do scenario, como folha secca despreendida da arvore. Nós o suppomos um estadista e, por isso, somos severos para com elle, que não passava dum scismador solitario por sobre os monticulos da Villa de Santos; que era um espirito de sensações artisticas, harmoniosas, enfim de poeta e de naturalista avido de devassar os segredos da natureza. Não podemos, todavia, deixar de admiral-o e veneral-o, vendo-o, em taes condições, servir a seu

paiz e dar-lhe os esforços da vontade, o fulgor do talento, os thesouros da sabedoria, o prestigio das virtudes e a fé vivificante do seu patriotismo na realização do esperançoso e grande porvir da nação brasileira.

Resumiremos os factos que precederam a convocação e reunião da Constituinte, onde o veremos figurar entre os representantes da nação, como orador e ministro do novo regime.

EUNAPIO DEIRÓ.

(1) *Histoire de Cezar* por Napoleão III.

(2) Robert Flint, prof. na Universidade de Edinbourg, *Philosophia da Historia*.

(3) Ouvrez les annales des peuples, dizia V. Cousin, vous ny trouverez que des noms propres; il est impossible qu'il en soit autrement: si les masses ne font rien pour elles mêmes, elles ne font par elles mêmes. Elles agissent par leurs chefs, qui occupent l'avant-scène, et tombent seuls sous le regard du spectateur et de l'historien. (Introdução á *Histoire*).

(4) *Annaes do Parlamento Brasileiro*, primeiro anno da quinta legislatura, sessão dissolvida de 1842, tomo unico, pag. 77, sessão de 30 de abril de 1842, discurso do deputado Andrada Machado.

(5) José Bonifacio copia os gestos, toma as attitudes, usa das phrases, adopta as praticas do marquez de Pombal. O facto seguinte (relatado na *Historia de Portugal de Pinheiro Chagas*) o demonstra. Certo conego escreveu e publicou uns versiculos, mettendo á bulha o poderoso marquez; este, por portaria, qualifica e declara crime o não respeitar os ministros do rei e mandou prender e desterrar o reverendo conego. Imitando o ministro de el-rei d. José, o illustre patriarcha brasileiro expediu uma portaria ao intendente da policia, ordenando a prisão e processo de todos os cidadãos que tivessem o desaforo de criticar ou de falar dos ministros de sua magestade, o Imperador. Quem ouzaria fazer isto hoje?

Fôram prezas e processadas mais de 300 pessoas e mettidas na fortaleza da Lage; entre ellas o coronel Costa Barros, deputado e depois senador pelo Ceará e ministro da guerra no reinado de d. Pedro I. Este facto de tyrannia foi largamente discutido na Assembléa Constituinte por Alencar, Rodrigues de Carvalho e outros. Leia-se o *Diario da Camara*, sessão de maio e junho, etc.

(6) Phrases do discurso de Antonio Carlos, já citado.

## SCIENCIA E INDUSTRIA

*Observações sobre as visões coloridas do pensamento, que apparece aos iniciados no occultismo sob fórmulas diversas.*

A Sociedade de Edição theosophica poz em circulação o volume contendo as observações de Annie Besant e de C. W. Leadbeater sobre as visões coloridas do pensamento que apparece aos iniciados do occultismo sob a fórma de imagens chromaticas, estrellas, ganchos, manchas, listas, triangulos.

Charles Richet é de opinião que tudo quanto respeita aos phenomenos

psychicos, mesmo nos casos em que as verificações parecem inverosímeis, é digno de interesse. Annie Besant lembra, naquelle livro, a significação das differentes côres na linguagem: o vermelho, indicando o arrebatamento, a colera; o carmesin, a paixão animal e o desejo sensual; o castanho claro, a avareza; o escuro, exagerado amor proprio; ciumento pallido, temor; verde escuro, ciúme; verde delicado e luminoso, sympathia; côr de laranja, orgulho; de rosa suave, amor; o amarello, satisfação intellectual; o azul, religiosidade.

Partindo dessa theoria, ella expõe aos seus adeptos figuras que afixa serem tiradas do natural: uma rosacea estrellada toda rosea, correspondente ao pensamento de uma carinhosa mãe beijando affectuosamente o filho; uma lista amarella em zig-zag traduzindo o trabalho mental de um auctor na sua primeira representação; uma outra lista, serpenteando, revela o desejo de saber; um circulo vermelho cercado de um halo sombrio reproduzindo as preoccupações e as perplexidades de um jogador; uma chamma azul irradiando em feiches, mostrando o recolhimento da devoção; ganchos, côr de tijollo, signalam paixão pelo alcool, colhidos no momento em que o bebado entra na taverna.

Essas imagens, occultas, invisiveis para os profanos, são realidades objectivas garantidas pela auctora do livro, e são documentos precusores do que será uma sciencia futura.



## O ALMIRANTE (57)

—

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

—

### CAPITULO XX

— Viajar por molestia é uma estopada que Deus só concede aos que podem — suspirou Dolores, respondendo ao barão de Freicho.

— Aqui está quem pôde e não se lembra desse passeio — concluiu o barão, indicando a marquezia. A mim não me dava de viajar nem das despesas que isso custa; mas, com um doente á allêta.

— E' a sua obrigação de marido e marido de uma mulher formosa.

— Ah, não me fale nisso que perco a cabeça lembrando-me do que ella foi e do que é. Era realmente uma mulher de primeira ordem a minha querida Yáyá.

E deslocando todas as suas entranhas, o barão desafogou-se um tremendo suspiro, despediu-se e partiu immerso na sua grande tristeza.

— Antes que cheguem outros ami-

gos — disse Dolores, em tom de mysterio, sentando-se junto da marquezia e chamando, com um gesto de intimidade, Oscar, que fôra conduzir o barão — quero dar-lhes conta do que váe por ali.

A curiosidade subjugou inteiramente os resquícios de odiosas prevenções da marquezia, cujo semblante se destoldou inteiramente, volvendo ao habitual aspecto de condescendencia bondosa.

— Andei num tormento. O Dádá teve um furioso accesso de ciúmes e agarrou-se-me ás saias, como um cachorrinho importuno. Tomou uns ares inquisitoriaes, depois que eu e a marquezia lhe arranjámos dois empregos e representa ao serio o seu austero papel de esposo vigilante. Imagine que aquelle Dádá, meigo, suave, incapaz de matar uma mosca, teve a ouzadia, o desafôro de me chamar á ordem!... de lançar-me em rosto as minhas relações com o Deodoro, com os politicos notaveis, relações que fizeram o milagre de tiral-o da pasmaceira.

— Houve, eutão, grande scena.

— Ouvi-o com resignação, encolhendo-me commovida, a murchar, a murchar, até que elle percebeu que me estava maguando e interrompeu subitamente o sermão. Tu — disse-lhe com vóz tremula de colera — tu não mereces uma mulher honesta; tu és um ingrato. Deus bem soube o que fez, quando te marcou esse olho. Tu não mereces os sacrificios que tenho feito por ti. Os olhinhos do Dádá se agitaram numa dansa frenetica fuzilando chispas por traz dos oculos escuros e pararam num asombro pavoroso quando o ameacei de deixal-o, de refugiar-me junto de meus filhos na fazenda de mamãe. Foi agua na fervura: o terrivel homensinho abrandou como um cordeiro e entrou a se excusar com o grande amor que o exacerba, que lhe tira o juizo. Graças a essa scena, pude reconquistar a minha liberdade. Ah, minha querida, nós, mulheres, nada valemos sem o artificio, sem a astucia que nos amenisem o captiveiro. Uma mulher sincera é uma creatura banal, desprezível para os homens.

Dolores continuou a relatar as suas aventuras daquelles dias e, baixando a vóz, quasi a roçar os ouvidos da marquezia, falou de um terrivel segredo de Estado, uma conspiração dentro do proprio palacio do Governo, providencialmente descoberta.

A marquezia estremeceu e relanceou para a Oscar os olhos afflictos.

— Imagine que o governo andava desconfiado com a agitação provocada pelo negocio das Missões, quando o capitão Moreira Cesar e outro official interceptaram uma carta contendo revelações...

—Revelações—exclamou a marquezeta.

—Não tão completas como seria para desejar, mas bastantes para denunciar tres cumplices da conspiração.

—Tres cumplices—repetiu a marquezeta, anciosa.

—Um intimo do marechal, um paizano e um official que representou saliente papel na revolução de 15 de novembro. Não insista pelos nomes que lhe não poderei revelar. O paizano está prezo na fortaleza de Santa Cruz. Deodoro interpellou o seu amigo infiel e este escuzou-se dizendo que se metterá na conspiração de caso pensado para frustral-a, para traír os cumplices. Benjamin e elle ficaram furiosos, mas ponderaram que seria uma vergonha para a Republica esse escandalo de uma conspiração.

—Seria, com effeito, uma vergonha—ponderou Oscar, intimamente satisfeito com essa noticia.

—Resolveu-se, então, abafar o caso, pôr-lhe uma pedra em cima e redobrar a vigilancia em torno dos suspeitos de intuitos subversivos. Soube-se mais que os conspiradores dispuzeram de muito dinheiro, que foi distribuido pelos sargentos, desconfiando-se que esse dinheiro deveria ser fornecido por um mysterioso representante dos monarchistas, ou vindo da Europa.

A marquezeta suspirou alliviada e apertou as mãos de Dolores como si lhe agradecesse o grande allivio proporcionado ao temor que a agitava.

—Que é isto, marquezeta?—tornou Dolores, notando-lhe a lividez do rosto—Tranquillize-se; a tentativa gorou: não ha mais perigo de revolução.

—E' que sómente a idéa de uma revolução me enche de pavor—murmurou a marquezeta, procurando em vão manter a compostura ante a decepção das suas illusões.

A confidencia foi interrompida pela chegada do conselheiro com a familia, Sergio de Lima e Souza e Mello, que vinham discutindo um interessante assumpto de politica.

Oscar ergueu-se e foi receber as senhoras que chegavam. D. Eugenia abraçou-o, Laura beijou-o com meiguice e Amelia, cuja fronte se toldára com o olhar aggressivo de Dolores, retribuiu-lhe friamente os cumprimentos. Hortencia vinha embebida na discussão, toda preza á voz sonora de Sergio, um encanto para seus ouvidos musicaes. O conselheiro saudou ceremoniosamente a marquezeta e tomou a sua cadeira habitual, a que elle occupava systematicamente nesses saráus intimos.

—Ah, minha amiga,—disse d. Eugenia, approximando-se da marquezeta—já sabe que a baroneza?...

—O barão saíu ha pouco daqui—tornou a marquezeta—veio despedir-se.

Está muito acabrunhado o pobre homem.

—Uma victima—interrompeu Souza e Mello—é o que é aquelle infeliz.

—Coitado!—observou d. Eugenia—Não fale assim, doutor: são ambos dignos de lastima.

—E' lastimavel, é—ponderou o conselheiro—A formosa baroneza de Freicho é uma victima do meio.

—Ou do espartilho—aparteou Amelia—O barão attribue a sua desgraça a esse instrumento de supplicio.

Hortencia, quasi indifferente aos conceitos que o desventurado barão provocava, ás palavras que se trocavam confusamente, quando a conversação se generalizou, contemplava absorta o jardim escuro, destacando-se, na moldura de uma janella, o seu gracioso perfil de adolescente, as linhas onduladas do seu corpo vigoroso e flexivel.

Mais tarde, compareceram Martins e a mulher, esta muito surprehendida de encontrar alli Dolores, em amavel conversa com a marquezeta e o conselheiro.

A' interrogação do olhar de Marianninha, a marquezeta respondeu beijando-a:

—Que queres? Desarmou-me. Aquella creatura é uma feiticeira.

—Não ha duvida—affirmou o conselheiro, como si falasse sózinho. Eston mais inclinado para o largo de S. Domingos.

E como todos se surprehendessem daquella declaração subita, estranha ao assumpto da conversação, d. Eugenia ponderou:

—Não façam caso. O Antonino vae perder o juizo nas taes pesquisas. Tem na cabeça, constantemente, o Tiradentes e a força.

—Foi uma idéa que me veio de subito—observou o conselheiro, excusando-se da impertinencia.—Eu pensava falar ao erudito doutor Souza e Mello, que propende mais para Mattacavallos.

—Com effeito—avançou elle.

—Por piedade—murmurou a marquezeta—deixem em paz o pobre barbeiro e mais a sua força.

—Si começam—continuou d. Eugenia,—temos turra para toda a noite sobre materia que nos não interessa absolutamente.

—Pois, então, senhora—tornou o conselheiro, num severo tom de gravidade—não interessa a todos os brasileiros a indicação do sitio exacto, onde pagou com a vida o seu sonho democratico, o proto-martyr da Republica?!... Não os importunarei: leiam a minha memoria historica.

—Estamos anciosos—declarou Sergio de Lima—por esse trabalho, que será mais um documento da sua erudição.

—Não será—atallou o conselheiro, desvanecido—uma obra de talento, mas será um trabalho curioso, como reconstrucção exacta daquella epocha, dos costumes, das idéas, pondo em relevo a phase colonial mais interessante, na qual germinaram com mais intensidade os factores do idéal do Brazil, nas primeiras erupções contra o absolutismo da metropole.

Disponha-se o conselheiro a expor os traços essenciaes da sua memoria, quando o interrompeu o doutor Souza e Mello com uma noticia sensacional.

—Souberam que o Henrique de Carvalho foi prezo como conspirador?

E, como todos se admirassem, não comprehendendo a importancia do caso, Dolores observou á marquezeta:

—Está ouvindo? Nós, as mulheres, é que somos indiscretas.

—O governo—continuou Souza e Mello—parece desconfiado da propria sombra. O excesso de poder o desvaira, suscitando-lhe inimigos por toda a parte. Dolores poderá explicar-nos esse importante caso.

—Sei, apenas—acudiu Dolores—que o governo não agiu por simples suspeitas: teve as provas...

—Provas contra um homem para prendel-o numa fortaleza... E os cumplices?...

Dolores hesitou e ameaçando o doutor com o fino indicador da delicada mão, alva como um lyrio, disse-lhe num tom comico:

—A razão de Estado não admite explicações.

Martins e Oscar observavam no semblante da marquezeta os rapidos movimentos convulsos que aquellas palavras provocavam; sómente elles conheciam o segredo daquella commoção heroicamente soffrida.

(Continúa.)

## PAGINAS ESQUECIDAS

Nem por ter um dia de atrazo, deixa de ser bem opportuna, como o foi com o 7 de setembro, a commemoração que, nesta secção dos *Annaes*, se faz ao anniversario da proclamação da Republica. Aliás, alguns dos mais importantes documentos com que ella é feita, aqui, fôram datadas precisamente em 16 de novembro.

Nessa designação de importancia, está, sem duvida, a *Trilogia da Liberdade*, versos anonymos distribuidos, em avulso, nesse mesmo dia:

### TRILOGIA DA LIBERDADE

7 de setembro

O povo, nesse dia, ousado e forte,  
A humilhada cerviz altivo erguendo.  
O jugo sacudiu, jugo tremendo,  
Ao grito ingente — *Liberdade ou Morte!*

13 de maio

Não era a patria brasileira outr'óra,  
Patria de cidadãos. E o mundo inteiro,

Vendo baquear o horror do captivo,  
Via raiar no Brazil ridente aurora!

15 de novembro

E a aurora fez-se dia. E o sol brilhante  
No céo da patria fulge neste instante!

\* \*

MENSAGEM DO GOVERNO PROVISÓRIO AO IMPERADOR

SENHOR—Os sentimentos democraticos da nação, lia muito tempo preparados, mas despertados agóra pela mais nobre reacção do character nacional contra o systema de violação, de corrupção, de subversão de todas as leis, exercido, em um gráu incomparavel, pelo ministerio 7 de junho; a politica systematica de attentados do governo imperial, nestes ultimos tempos, contra o exercito e a armada, politica odiosa á nação e profundamente repellida por ella; o esbulto dos direitos dessas duas classes, que, em todas as epochas, teem sido, entre nós, a defeza da ordem, da Constituição, da liberdade e da honra da patria; a intenção, manifestada nos actos dos vossos ministros e confessada na sua imprensa, de dissolver-as e anniquilal-as, substituindo-as por elementos de compressão official, que fôram sempre, entre nós, objecto de horror para a democracia liberal, determinaram os acontecimentos de hontem, cujas circumstancias conheceis e cujo character decisivo certamente podereis avaliar.

Em face desta situação, peza-nos dizer-vol-o, e não o fazemos sinão em cumprimento do mais custoso dos deveres, a presença da familia imperial no paiz, ante a nova situação que lhe creou a resolução irrevogavel do dia 15, seria absurda, impossivel e provocadora de desgostos que a salvação publica nos impõe a necessidade de evitar.

Obedecendo, pois, ás exigencias do voto nacional, com todo o respeito devido á dignidade das funcções publicas que acabaes de exercer, somos forçados a notificar-vos que o Governo Provisorio espera do vosso patriotismo o sacrificio de deixardes o territorio brasileiro, com a vossa familia, no mais breve termo possivel. Para esse fim se vos estabelece o prazo maximo de 24 horas, que contamos não tentareis exceder.

O transporte vosso e dos vossos para um porto da Europa correrá por conta do Estado, proporcionando-vos para isso o Governo Provisorio um navio com a guarnição militar precisa, effectuando-se o embarque com a mais absoluta segurança de vossa pessoa e de toda a vossa familia, cuja commodidade e saúde serão zeladas com o maior desvelo na travessia, continuando-se a contar-vos a dotação que a lei vos assegura, até que sobre esse

ponto se pronuncie a proxima Assembléa Constituinte. Estão dadas todas as ordens afim de que se cumpra esta deliberação.

O paiz conta que sabereis imitar, na submissão aos seus desejos, o exemplo do primeiro Imperador em 7 de abril de 1831.

Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1889.

MANOEL DEODORO DA FONSECA.

\* \*

A RESPOSTA DO IMPERADOR

A' vista da representação escripta que me foi entregue hoje ás 3 horas da tarde, resolvo, cedendo ao imperio das circumstancias, partir, com toda a minha familia, para a Europa, amanhã, deixando esta patria, de nós estremecida, á qual me esforcei por dar constantes testemunhos de entranhado amor e dedicação, durante quasi meio seculo, em que desempenhei o cargo de chefe do Estado. Auzentando-me, pois, eu com todas as pessoas da minha familia, conservarei do Brazil a mais saudasa lembrança, fazendo ardentos votos por sua grandeza e prosperidade.

Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1889.

D. PEDRO DE ALCANTARA.

\* \*

EXONERAÇÃO DO CONDE D'EU

Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1889. ILLMO. E EXMO. SR.—Rogo a v. ex. me conceda exoneração do cargo de commandante geral da artilharia, que exerço desde 19 de novembro de 1865, e licença para retirar-me para fóra do paiz.

Diz-me a consciencia que sempre servi á nação brasileira lealmente na medida de minhas forças e intelligencia, e procurei guardar justiça para com os meus commandados.

Della me despeço saudosamente, assim como de todos os meus camarados do exercito brasileiro. Si não fôssem as circumstancias que, bem contra a minha vontade, me obrigaram a saír do paiz, e que são conhecidas de v. ex., estaria prompto a continuar a servir, debaixo de qualquer fórma de governo, á nação que por tantos annos me acolheu no seu seio, cumulando-me de honras e enchendo-me de immorreitoras saudades e cuja prosperidade e gloria serão sempre um dos meus mais ardentés anhelos.

Deus guarde a v. ex. Illmo. e exmo. sr. tenente-coronel dr. Benjamin Constant Botelho de Magalhães, ministro da Guerra. — Gaston de Orleans, (conde d'Eu) marechal do exercito brasileiro.

\* \*

O EMBARQUE DO IMPERADOR

Eram 2 3/4 da madrugada de hontem, quando o tenente-coronel Mallet, (\*) commissionedo pelo Governo Provisorio, se apresentou no paço da

(\*) E' o actual marechal Medeiros Mallet.

cidade para acompanhar o embarque da familia imperial.

A agglomeração de povo, que durante o dia e parte da noite se conservára no largo do Paço, a essa hora já o havia abandonado, havendo apenas pequenos grupos nos pontos que as sentinellas e patrullias permittiam. De distancia em distancia, toda a praça estava occupada por sentinellas do corpo de policia e era percorrida por patrullhas de cavallaria. Eram quasi tres horas quando chegou uma lancha a vapor ao cáes proximo á ponte das barcas de Marulye Paquetá. Pouco depois de atracada a lancha, saíram do paço duas senhoras e uma creança, que nos disseram pertencer á familia do sr. conde de Motta Maia. Essas senhoras, depois de indagarem si era alli o local do embarque, tomaram logar na lancha.

Veio, depois, do paço, vagarosamente e seguido de uma pequena força de cavallaria, um carro fechado, no qual ia a familia imperial. O carro voltou ao paço e nelle entraram as outras pessoas que acompanham o Imperador.

A lancha silvou e partiu em direcção da *Parnahyba*, fundeada em frente ao arsenal de guerra.

Quando o tenente-coronel Mallet se apresentou no paço, o Imperador, visivelmente alterado e como si ainda lhe custasse acreditar na realidade dos factos, perguntava successivas vezes:

— Mas que é isto, sr. Mallet? Que foi que fizemos? O sr. está doido! Os outros estão doidos! Diga: qual é a minha culpa, de que me accnsam?

A princeza chorava desesperadamente, e, apoiando-se no braço do tenente-coronel Mallet para entrar no carro, disse:

— Ah! sr. Mallet os senhores hão de arrepender-se!

E cada vez mais presa dos soluços e vertendo copiosas lagrimas:

— Que fiz, que fizemos? Von-me embóra... e levo tantas saudades do Brazil, deste Brazil que eu tanto amo!

O conde d'Eu, mais calmo, apenas apressava a partida, tratando com a maior urgencia de embarcar os da comitiva. De resto, não parecia abatido.

O principe d. Pedro embarcou tambem, e, segundo disse, levava apenas a roupa do corpo, não tendo tido tempo de apromptar malas.

\*

O sr. barão de Jaceguay, intimado na noite de sabbado para ir ao quartel-general, ouviu do sr. ministro da Guerra que havia contra elle denuncias dadas por pessoas dignas de toda a consideração.

Respondeu s. ex. que era tudo exacto; que, si estivesse na marinha activa, teria adherido á manifestação de seus companheiros contra o sr. visconde de Ouro Preto e barão do Ladario, não contra a fórma de governo; que, mesmo si tivesse certeza de congregar em torno de si toda a armada não daria tal passo, pois a lucta não podia dar resultado e a causa estava julgada.

Obtendo, depois, auctorisação para falar com o sr. d. Pedro II, dirigiu-se para o paço da cidade. Achava-se já alli o sr. tenente-coronel Mallet, que procurava convencer o velho Imperador a embarcar.

— Não vou — dizia este — Não sou nenhum fugido; retirar-me-ei do Brazil, porém, de dia.

— Desculpe-me vossa magestade — disse o barão — o embarque de dia daria azo a manifestações.

— E são muito naturaes porque o povo gosta de mim.

— De certo; mas ao Governo incumbiria o dever de reprimil-as. Vossa magestade embarcaria do mesmo modo; correria sangue; poderia morrer alguém da familia imperial.

— O senhor convenceu-me — foi a resposta do sr. d. Pedro II.

E continuou:

— Reinei cincoenta annos e consumi-os em carregar máus governos. Já estou cansado. Tudo isto foi uma surpresa para mim. Não sabia de nada. Vou embarcar de noite, como si fugisse. Tudo isso porque esta gente perdeu a cabeça. Só eu conservo bôa a minha cabeça branca. E quero que se saiba disto que estou lhe dizendo.

(Da Gazeta de Noticias, de 18 de novembro de 1889.)

\* \*

#### O EMBARQUE DO VISCONDE DE OURO PRETO

Hontem, ás 7 1/2 de manhã, o sr. Quintino Bocayuva, ministro da estrangeiros, dirigiu-se ao quartel do 1º regimento de cavallaria, e ali poz o seu carro á disposição do sr. visconde de Ouro Preto.

O sr. visconde tomou o carro com s. ex., e dirigiram-se ambos ao arsenal de guerra, acompanhados de um piquete de 50 praças de cavallaria. Pouco depois, chegaram ao arsenal a exma. familia do sr. visconde e alguns amigos sens.

Quando se approximava a lancha que devia conduzir-o ao vapor *Montevideo*, o sr. visconde de Ouro Preto disse ao sr. Quintino Bocayuva:

— Agradeço a v. ex., bem como ao Governo Provisorio, as atenções que me dispensaram. Desejo a v. ex. que seja feliz na administração dos negocios publicos, prestando á nossa patria os serviços que ella tem o direito de esperar de v. ex.

O sr. ministro respondeu:

— Agradeço os bons desejos de v. ex. E devo dizer, no momento desta separação transitoria, que o constrangimento passageiro a que v. ex. esteve sujeito, terá compensação nas forças com que pôde alentar-se nesta viagem, para vir prestar á nossa patria o concurso robusto da sua illustração, da sua intelligencia e da sua actividade.

Todas as pessoas presentes estavam profundamente commovidas.

Ao sr. senador Dantas disse o sr. visconde:

— Estranhei que v. ex. tivesse perguntado a alguém como eu me tinha portado na prisão; v. ex. conhece, ha muito tempo, o meu character para saber que eu me porto sempre e sempre bem. Essa pergunta é, pois, um motivo para o rompimento de nossas relações.

O sr. senador Dantas explicou que era uma inverdade o que motivava a arguição do ex-presidente do conselho, que, ao embarcar, correspondeu ao abraço de s. ex. O sr. visconde de Ouro Preto chamou ainda um dos officiaes, que estivera presente na occasião em que o sr. marechal Deodoro fez-lhe a intimação de deposição do governo imperial, e delle obteve a confirmação de que o seu procedimento nessa emergencia não saíu fóra da linha de altivez que sempre manteve em todos os seus actos.

... ..

Quatro officiaes ficaram a bordo do *Montevideo*, até á partida do vapor.

A indemnisação paga pelo sr. visconde de Ouro Preto para que o *Montevideo* não tocasse na Bahía, foi da quantia de 1.000 libras, ou 8:890\$, moéda brasileira.

Diversos cavalheiros, capitalistas importantes, offereceram ao sr. visconde saques de avultadas quantias contra estabelecimentos bancarios europeus. S. ex. recuzou, dizendo que para a sua modesta subsistencia alli, bastavam os pequenos recursos de que dispunham os membros da sua familia.

(Da Gazeta de Noticias, de 20 de novembro de 1889.)

#### AS DUAS CORÓAS

Não ha ainda seis mezes, era eu considerado um visionario, um despeitado, um insensato, um louco, quando na Camara dos deputados, vaticinava a proxima quéda da monarchia, que já agonizava moribunda, e o auspicioso advento da Republica brasileira, que começava a despontar no horizonte da patria, como todos sonhavam, revestida de todas as galas nacionaes, adornada com todas as decorações da democracia, illuminada pelos vividos clarões do patriotismo, festejada, applaudida, endeusada pelas sympathias populares com entusiastica effusão de jubilo e de felicidade. Mnita gente então me evitava, como si eu fôsse um reprobado, me condemnava como réo de crime de leza magestade, me repellia como um verdadeiro excommungado!

Os aulicos, na impotencia de seu furor e no empenho satanico de matar a impressão que meu discurso pudesse cauzar no espirito publico, tudo inventaram para amesquinhar-me, abater-me e desmoralizar-me. Cobriram-me de injurias e improperios, deprimindo meu character, atassalhando a minha honra, enxovalhando a minha reputação, chegando a perversidade ao ponto de espalharem que só me declarei republicano para mais facilmente abjurar e cazar-me. Reagi energicamente contra essa infamia dando publico testemunho da integridade da minha fé catholica e da intransigencia do meu character sacerdotal. Obedecendo aos impulsos do meu melindre pessoal, torpemente offendido, e de minha dignidade profissional, vilmente ferida e justamente revoltada, prophetisei ainda com inquebrantavel firmeza e com uma fé viva inabalavel, que em breve a corôa imperial voaria pelos ares batida pelo sôpro patriotico da democracia, mas que minha humilde corôa ficaria segura sobre a cabeça.

Tudo se realizou perfeitamente no dia 15 do corrente.

O throno imperial desabou apodrecido ao primeiro brado de *viva a Republica*, o sceptro despedaçou-se e a corôa rolou na praça publica por entre risos e flôres e no meio de jubilosas expansões populares.

Tudo se desfez em pó, tudo desmoronou ao sopro da liberdade, tudo caíu aos pedaços, envilecido pela corrupção, elevando-se brillantemente sobre as ruínas das instituições monarchicas a imagem pura, esplendida da democracia triumphante.

E, entretanto, no meio desse cataclisma, em que se submergiu e desapareceu o regimen execravel de privilegios, a minha pobre corôa, vilipendiada pelos idolatras da realza, permanece firme e segura sobre a ca-

beça, attestando a plenitude da minha fé catholica e a integridade do meu character sacerdotal. E hoje, que tudo está radicalmente transformado, que uma nova phase se abre auspiciosa aos destinos da patria, tenho a consolação de ver multiplicaram-se as adhesões, submettendo-se quasi todos ao novo regimen, até aquelles mesmos que me apedrejaram, que me repelliram, que me diffamaram, que me consideraram um visionario, um insensato, um louco, um excommungado!

... ..

Como agóra louvavelmente se apressam a reconhecer e render homenagem ao novo poder, como quem busca fonte limpida em que se possa purificar de antigas maculas, como quem procura as aguas lustraes da liberdade para receber o baptismo da redempção social, ficando desaffrontados do jugo aviltante que os opprimia! Como me devo felicitar vendo os que pareciam mais aferrados ás velhas instituições acompanhando, de *tocha em punho*, a marcha triumphal da idéa vencedora! Como me apraz ver se accordarem todas as jerarchias sociaes, representadas pelo cléro, nobreza e povo, para dirigir protestos de adhesão á nova ordem de coisas, que tão brilhantemente inaugurou no paiz! Como cresce e se avoluma a onda das conversões, que vão engrossando as fileiras do partido nacional! Não tardará muito que se veja formado o *grande partido dos adherentes*, ficando os que já eram absorvidos e nullificados pelos que são agóra.

Seja, porém, como fôr, essas adhesões em massa, em grande parte hypocritas e fementidas, teem sempre o merito de denunciar que a monarchia, desaparecendo deste sólo abençoado, não deixou saudades, nem mesmo áquelles que mais tempo viveram á sua sombra e que mais largamente gozaram as suas graças. E' muito commodo passar do regaço da realza, a cuja influencia se viveu sempre saboreando as delicias da monarchia, para os arraiaes do novo regimen, começando logo a chupar o *tutano* da Republica, occupando os primeiros postos, os postos de confiança, que é de esperar sejam conferidos áquelles que combateram, que se expuzeram ás iras e furor da tyrannia. Não faltam agóra entusiastas da causa republicana. E o sr. d. Pedro de Alcantara tinha a simplicidade de crer que podia contar adhesões sinceras, quando os factos estão demonstrando que havia muito o paiz já estava *republicanizado*, passando o ex-Imperador pelo dissabor de ver virados *pelo avesso* os seus amigos e os seus servos. Só nos consola e nos tranquilliza uma consideração, e é que a dynastia extinguiu-se para sempre, apedrejada pelos que mais a sugaram

e aviltada por quem mais pretendia explorar as suas minas.

Felizmente os ultimos actos do *principe consorte* mataram de uma vez toda a idéa, toda a presumpção, toda a esperança de restauração. No meio da tremenda catastrophe que envolven e esmagou a familia imperial, o sr. conde d'Eu não perdeu o instincto mercantil que sempre o inspira e por onde pauta todos os actos da sua vida. Certo de que lhe escapava o throno, que era principal objecto de suas torpes especulações, resolveu mercadejar a corôa imperial, avaliando-a em dois mil contos de réis, apresentando ao Governo Provisorio um rôl de credores e uma lista de necessidades a prover, com o que procurava justificar a exigencia daquella somma. O Governo achou que era barato e deu-lhe mais tres mil contos.

Aquella alma, sordidamente metalizada, entorpecida pelos calculos inconcessaveis, obcecada pelas ambições criminosas, degradou-se ainda mais, tornou-se ainda mais vil e abjecta, apreçando a corôa no nome irresponsavel do ex-Imperador, desse pobre velho inconsciente pela enfermidade, aggravada pelos annos, que sempre se mostrou limpo de mãos, superior ao diuheiro, primando pelo mais nobre desinteresse, não se deixando já mais envenenar pelos sentimentos azinhavrados que movem as almas sordidamente mercenarias. Devendo estar atordoado com o fracasso da monarchia, o *principe consorte* não perdeu o equilibrio mercantil, mandando perguntar ao Governo Provisorio si considerava bons e validos os contractos matrimoniaes. E o que é mais triste e vergonhoso é que, quando recebeu o decreto concedendo cinco mil contos, em vez de dois mil, em que a sordida ganancia arbitrara a corôa imperial, mostrou-se commovido e profundamente grato, dizendo que nunca esperara outra coisa de um governo de que faziam parte os seus amigos Ruy Barbosa e Quintino Bocayuva!

O sr. conde d'Eu, porém, tocou ao auge da miseria, chegou á ultima expressão do aviltamento, quando, no officio que dirigiu ao Governo Provisorio, pedindo demissão do logar de commandante geral da artilharia, declarou imbecil e impudentemente que, si não fôsem as circunstancias que, bem contra a sua vontade, o obrigavam a saír do paiz, *estaria prompto a continuar a servir debaixo de qualquer fórma de governo* á nação que por tantos annos o acolheu em seu seio.

E' o requinte da degradação!

O sr. conde d'Eu, nesse ultimo traço da sua vida no Brazil, descarnou todos os seus sentimentos sordidos, toda sua alma apodrecida nos charcos immundos dos interesses inconcessaveis.

Os festejos feitos para solemniizar as *bodas de prata* fôram os verdadeiros funeraes da monarchia! O baile da ilha Fiscal foi um perfeito festim de Balthazar. D. Pedro de Alcantara perdeu a corôa e o conde d'Eu fez o seu negocio.

Dispersou-se a camarilla que me apupava, ficando eu com o direito e liberdade de exclamar, afagando a minha *corôa* e repetindo o brado que soltei na Camara dos deputados:

*Viva a Republica!*

PADRE JOÃO MANOEL.

\*  
\*\*

#### A REPUBLICA, ESCRAVOCRATA...

Em Portugal, logo á chegada das primeiras noticias da proclamação da republica no Brazil, um sr. Lourenço de Mattos escreveu, entre outras, as seguintes curiosidades, ás quaes, naturalmente, é que se referiu Emilio Castellar no escripto que reproduzimos mais abaixo:

«A introdução, no Governo Provisorio, de um homem que descia ás masmorras e ás choças dos escravos só pelo simples prazer de os ver chicotear, rindo cynicamente da miseria dos seus irmãos; a prisão de José do Patrocínio, o mais incansavel propugnador do abolicionismo,—tudo isto leva a crer que foi o restabelecimento da escravatura o unico alvo dos revolucionarios brasileiros. E sendo assim—como muita gente affirma—que bellissimos titulos de consideração apresenta ao mundo a nascente Republica!!

LOURENÇO DE MATTOS.»

\*  
\*\*

#### OPINIÃO DE EMILIO CASTELLAR

Tal acontecimento não me surpreendeu de fórma alguma. Admira-me até de que os brasileiros não tivessem proclamado a Republica a mais tempo. Para quem houvesse estudado a fundo, como eu, a situação da America do Sul, não poderiam existir duvidas ácerca do desenvolvimento das idéas republicanas naquelle paiz.

D. Pedro tratou sempre de occultar este facto á Europa, e com tal ou qual exito. São aquellas idéas republicanas que afinal surgem á luz; é ridiculo ver na abolição da escravatura a causa do movimento revolucionario. Os que mais contribuíram para a queda do Imperio fôram precisamente os que uzaram da sua influencia e dos seus esforços para a abolição da escravatura.

EMILIO CASTELLAR.

\*  
\*\*

#### O BANIMENTO

O marechal Manoel Deodoro da Fonseca, chefe do Governo Provisorio constituido pelo exercito e armada, em nome da nação, considerando:

que o sr. d. Pedro de Alcantara, depois de acceitar e agradecer aqui o subsidio de 5 mil contos para ajuda

de custo de seu estabelecimento na Europa, ao receber das mãos do general que lh'o apresenton, o decreto onde se consigna essa medida, muda agóra de deliberação, declarando recuzar semelhante liberalidade;

que, repellindo esse acto do governo republicano, o sr. d. Pedro de Alcantara pretende, ao mesmo tempo, continuar a perceber a dotação annual sua e de sua familia em virtude do direito que presume subsistir-lhe por força de lei;

que essa distincção envolve a negação evidente da legitimidade do movimento nacional e encerra reivindicações incompatíveis hoje com a vontade do paiz, expressa em todas as suas antigas provincias, hoje Estados, e com os interesses do povo brasileiro, agóra indissolvelmente ligados á estabilidade do regimen republicano;

que a cessação do direito da antiga familia imperial á lista civil é consequência immediata da resolução nacional, que a depoz, abolindo a monarchia;

que o procedimento do Governo Provisorio, mantendo, a despeito disso, essas vantagens ao príncipe decaído, era simplesmente uma providencia de benignidade republicana, destinada a attestar os intuitos pacíficos e conciliadores do novo regimen, ao mesmo tempo que uma homenagem retrospectiva á dignidade que o ex-Imperador occupára como chefe do Estado;

que a attitude presentemente assumida pelo sr. d. Pedro de Alcantara neste assumpto, presuppondo a sobrevivência de direitos extinctos pela revolução, contém o pensamento de desauctoral-a e aníma velleidades inconciliáveis com a situação republicana;

que, consequentemente, cessaram as razões de ordem politica, em que se inspirára o Governo Provisorio, proporcionando ao sr. d. Pedro de Alcantara o subsidio de 5 mil contos e respeitando temporariamente a sua dotação;

Decreta:

Art. 1º E' banido do territorio brasileiro o sr. d. Pedro de Alcantara e com elle sua familia.

Art. 2º Fica-lhes vedado possuir immoveis no Brazil, devendo liquidar no prazo de dois annos os bens dessa especie, que aqui possúem.

Art. 3º E' revogado o decreto de 16 de novembro de 1889, que concedeu ao sr. d. Pedro de Alcantara 5 mil contos de ajuda de custo para o seu estabelecimento no estrangeiro.

Art. 4º Consideram-se extinctas, a contar de 15 deste, as dotações do sr. d. Pedro de Alcantara e sua familia.

Art. 5º Revogam-se as disposições em contrario.

MANOEL DEODORO DA FONSECA. — Quintino Bocaynva. — Manoel Ferraz de Campos Salles. — Ruy Barbosa. — Aristides da Silveira Lobo. — Demetrio Nunes Ribeiro. — Eduardo Wandenkolk. — Benjamin Constant Botelho de Magalhães.

## ACADEMIA BRAZILEIRA

Com os nossos agradecimentos, inserimos, nestas columnas, as homenagens de sympathia que se continuam a fazer ao sr. Domingos Olympio, nosso director, a proposito do resultado da ultima eleição na Academia.

Sob o titulo *Fizeram mal*, escreveu, na *Tribuna de Petropolis*, o sr. João de Deus Filho:

« Para os que acreditam na sensatez dos senhores da Academia Brasileira de Letras, a victoria do sr. Domingos Olympio não seria surpresa, que ella era esperada por ser um acto de justiça muito elementar. Nós, não sabemos si por optimismo ou coisa que se assemelhe, somos do numero dos que consideram essa Academia uma instituição capaz de ser util ao progresso da intellectualidade nacional; levamol-a a serio e cremos na sua boa vontade de ser criteriosa e justa. Esperavamos, por taes fundamentos, que os illustres *immortales* suffragassem, siuão por unanimidade, ao menos por grande maioria de votos, o nome, querido e acatado em todo o Brazil que lê, do sr. Domingos Olympio. Elle tinha por si, para só citarmos o melhor da sua producção, *Luzia-Homem* e o *O Almirante*, paginas fortes, que bastam para dar a quem as produziu o direito de se refestelar numa cadeira do gremio dos quarenta.

E, sobre ser um dos melhores e mais apreciados romancistas brasileiros, o sr. Domingos Olympio é homem de vasta e solida illustração, um chronista fino, um jornalista de merecimento. Entretanto, a maioria dos srs. academicos calcam sob os pés tudo isto, e, com evidente detrimento da justiça, acaba de eger, para occupar a cadeira Joaquim Serra, vaga pela morte de José do Patrocinio, o sr. Mario de Alencar.

Não restam duvidas que esse Benjamin da Academia é um moço de certo valor litterario; elle não póde, porém, preterir a Domingos Olympio, com quem não resiste á mais leve comparança. Este é um escriptor de obra, feito, consagrado; emquanto aquelle é apenas, vá lá o chavão, uma risinha esperança. Aquelle promette ser; este é.

Essas preterições injustas não são facto virgem nos cenáculos intellectuaes; que os intellectuaes, tendo todos os transbordamentos, teem tambem todas as lacunas da natureza humana. Nem Flaubert, nem Daudet, nem Zola conseguiram adornar a sua obra com a palma verde; tambem agóra, ao sr. Domingos Olympio, lhe foi vedado pôr no frontespicio dos seus livros: *Da Academia Brasileira*. Esse luminoso dizer, esperamos, a Academia ainda ha de lhe conceder, unanimemente. Ella lhe deve tal reparação. — JOÃO DE DEUS FILHO. »

## XADREZ

### 3º TORNEIO DO CLUB DOS DIARIOS

Estão jogadas todas as partidas do torneio; mas a victoria ainda não se decidiu. Tres concorrentes chegaram com 13 pontos, como se verá do quadro que damos no ultimo logar desta secção: José Piza, Theophilo Torres e Henrique Costa. Assim, a lucta se tornou de um interesse palpitante. Jogou-se agóra um pequeno torneio em 2 turnos, entre os tres, para a classificação definitiva. Em vista desse resultado, a directoria do Club consignou mais um premio, um rico tinteiro de bronze, ao 3º classificado.

Os tres vencedores não deveram a sua victoria siuão á propria força. Póde-se afirmar que são de equal resistencia. José Piza, muito intrepido, com mais intuição do que theoria; Theophilo Torres, theorista consummado, nervoso, com um longo tirocinio; Henrique Costa, de apparencia impassivel, prudentissimo, de passo medido e lento, e vista perspicaz.

Raul de Castro é uma surpresa. Muito moço, com uns tres annos de pratica, veio competindo superiormente com os mestres; e por um pouco não lhes arrancou o primeiro premio. Mas a sua victoria moral é soberba. E' um jogador destinado a uma carreira gloriosa. Heitor Bastos e Augusto Silva são amadores fortes, mas muito impressionáveis; ficaram, em todo o caso, bem collocados. R. S. Quayle é fleumatico, mas a sua theoria está um pouco atrazada. Hentz e Bocaynva não occupam os logares que lhes competiam, porque abandonaram o torneio, antes de haverem jogado todas as partidas. Os mais estão onde devem.

Em summa, o resultado do torneio é plenamente satisfactorio. Houve desastres inesperados e quasi comicos, como seja: o empate de José Piza com Libanio Lins, que por pouco não ganhou a partida; a derrota de Henrique Costa com Hentz, por ter feito um lance errado, entregando ao adversario um cavallo, por pura distracção; um empate entre Godofredo Cunha e Frota Pessoa, quando aquelle tinha a partida formidavelmente ganha, por ter parecido que havia um xaque perpetuo, que realmente não existia; a derrota de Frota Pessoa com R. S. Quayle, quando este estava irremissivelmente perdido em tres ou quatro lances, por uma precipitação no jogar uma peça. Mas tudo isso concorreu para tornar o torneio mais animado.

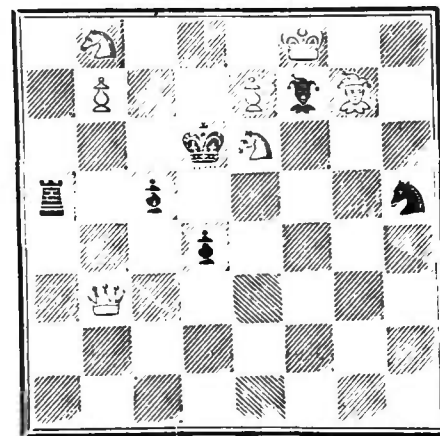
Publicamos hoje a penultima partida do torneio. E' muito interessante e foi acompanhada, durante os tres dias em que foi disputada, com intensa curiosidade.

— Do torneio de desempate já foi jogado o 1º torneio. Theophilo Torres bateu Henrique Costa, Henrique Costa a José Piza e este a Theophilo Torres. Estamos na mesma.

PROBLEMA N. 26

Burmeister

PRETAS (6)



BRANCAS (7)

Maté em dois lances

PARTIDA N. 27

(Jogada no torneio do Club dos Diarios, 1905)

RUY LOPEZ

Branças

Pretas

(Henrique Costa)

(Theophilo Torres)

P 4 R	— 1 —	P 4 R
C 3 B R	— 2 —	C 3 B D
B 5 C	— 3 —	P 3 T D
B 4 T D	— 4 —	C 3 B R
C 3 B D	— 5 —	P 4 D ? (a)
C X P R	— 6 —	B 2 D
C X P B	— 7 —	D X C
C X P D	— 8 —	C X C
P X C	— 9 —	D X P
D 2 R x	— 10 —	B 2 R
Roque	— 11 —	P 4 C D
B 3 C	— 12 —	D 3 B
D 4 R	— 13 —	T D 1 D
P 3 B D	— 14 —	Roque
P 4 D	— 15 —	D 2 D
P 4 B R (b)	— 16 —	T D 1 R
P 5 B R	— 17 —	R 1 T
D 3 B R	— 18 —	B 3 B R
B 4 B	— 19 —	C 2 R
B 5 R (c)	— 20 —	C 1 C R
T D 1 R	— 21 —	P 3 B D
D 5 T R	— 22 —	P 4 B D !
B 2 B D (d)	— 23 —	P X P
P X P	— 24 —	B X B
P X B	— 25 —	D 5 D x
R 1 T	— 26 —	T X P
P 3 C D	— 27 —	C 3 B R
D 3 B	— 28 —	T R 1 R
T X T	— 29 —	D X T
P 3 T R	— 30 —	P 3 T R
P 4 T D (e)	— 31 —	P 5 C D
B 3 D	— 32 —	P 4 T D
T 2 B R (f)	— 33 —	D 8 T D x
T 1 B R	— 34 —	D 5 D
B 2 B (g)	— 35 —	D 7 D
D 1 D	— 36 —	D X D (h)
T X D	— 37 —	R 1 C

R 1 C	— 38 —	R 1 B
R 2 B	— 39 —	T 1 B D
T 2 D	— 40 —	T 4 B D (i)
R 3 B	— 41 —	T 6 B x (j)
R 4 B	— 42 —	R 2 R
B 1 D	— 43 —	P 4 C R x (k)
P X P e. p.	— 44 —	P X P
P 4 T R	— 45 —	P 4 C x !
P X P	— 46 —	P X P x
R 5 B (l)	— 47 —	R 2 B (m)
T 2 R ! (n)	— 48 —	T 6 D (o)
B 2 B	— 49 —	T 4 D x
T 5 D	— 50 —	T X T x
R X T	— 51 —	C 5 C x
R 6 D (p)	— 52 —	R 3 B
B 4 R	— 53 —	C 6 D
R 5 B	— 54 —	R 4 R
B 7 C	— 55 —	P 5 C
R 5 C	— 56 —	R 5 D
R X P	— 57 —	R 6 B
R 5 C	— 58 —	R X P
P 5 T	— 59 —	R 6 B
P 6 T	— 60 —	P 6 C D
P 7 T	— 61 —	P 7 C
B 4 R	— 62 —	C 7 B D
P 8 T (f. D.)	— 63 —	P 8 C (f. D.) x
R 6 B	— 64 —	C 5 D x
R 7 B	— 65 —	C 4 C D x
R 6 C	— 66 —	D 5 C
D 6 B x	— 67 —	R 5 D
D 5 D x	— 68 —	R 6 R
D 5 C x	— 69 —	R 5 D (g)
empate	— 70 —	

carem os piões do lado da Dama em casa preta, fóra do ataque do B. adverso.

(f) O lance esperado era B 4 B ou B 5 C.  
(g) Ainda aqui seria preferível B 4 B ou B 5 C.

(h) A troca das Damas foi talvez prematura, pois a posição das Pr. era bastante favoravel para esperar uma liquidação em melhores condições.

(i) Melhor seria immediatamente T 6 B, impedindo a gassagem do R e mantendo pressão sobre o ponto fraco do adversario.

(j) Lance que confirma a nota anterior. Agóra houve perda de tempo, ficando o R em plena liberdade de avançar.

(k) Este lance tende a conjurar o perigo que se accumula do lado dos piões do Rei.

(l) E' claro que o R. não pôde tomar o pião por causa de C 5 R x.

(m) Ameaçando mate com T 4 B ou ganhar a Torre com C 5 R x.

(n) Magnifico lance e unico para evitar a perda da partida.

(o) Unica continuação para não perder um pião e certamente a partida. Desse ponto em diante as Pr. jogam manifestamente para o empate.

(p) R 4 R parece mais forte.

(q) Neste ponto, o empate é proposto pelas pretas e acceto pelas brancas.

(Notas do dr. Theophilo Torres).

(a) Erro injustificavel que faz perder logo um pião.

(b) Parece um lance prematuro o avanço deste pião.

(c) D 7 C D talvez fôsse melhor, dando ás Brancas a vantagem de mais um pião.

(d) O lance correcto seria R 1 T. O lance do texto proporciona ás Pretas recuperarem e pião e adquirirem uma boa posição.

(e) Este avanço faculta ás Pretas collo-

Tacito & Lipman—Mandem-nos noticias do campeonato.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 25 — (Tacito & Lipman): 1—D 8 T, P 4 R; 2—C 6 B, ad libitum; 3—D 7 T mate. 1... P 6 C; 2—D 4 T x, R 4 D; 3—D 4 B mate. 1... C move; 2—D 1 T x, R 4 D; 3—C 6 B mate; 2... R X C; 3—D 5 R mate.

JOSÉ GETULIO.

RESULTADO FINAL

Concurrentes	José Piza	Th. Torres	H. Costa	Raul de Castro	H. Bastos	A. Silva	R. S. Quayle	A. Pereira	Frota Pessoa	E. Tito de Sá	G. Cunha	W. B. Hentz	Q. Bocayuva	Ouro Preto	A. Burlamaqui	A. de Andrade	Libanio Lins	N. de pontos
José Piza	x	1	1	1/2	1	0	1	1	1	1	1	1	0	1	1	1	1/2	13
Theophilo Torres	0	x	1/2	1/2	1	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1	1	1	13
Henrique Costa	0	1/2	x	1	1/2	1	1	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1	13
Raul de Castro	1/2	1/2	0	x	0	1	1	1/2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	12 1/2
Heitor Bastos	0	0	1/2	1	x	0	1	0	0	1	1	1	1	1	1	1	1	10 1/2
Augusto Silva	1	0	0	0	1	x	1	1/2	0	0	1	1	0	1	1	1	1	9 1/2
R. S. Quayle	0	0	0	0	0	0	x	1	1	1	1/2	1	1	1	1/2	1	1	9
Annibal Pereira	0	0	0	1/2	1	1/2	0	x	0	1	1	0	1	0	1	1	1	8
Frota Pessoa	0	0	0	0	1	1	0	1	x	1	1/2	0	1/2	0	1	1	1	8
E. Tito de Sá	0	1	0	0	0	1	0	0	0	x	1	1/2	0	1/2	1	1	1	7
Godofredo Cunha	0	0	0	0	0	0	1/2	0	1/2	0	x	1	1	1	1	1	1	7
W. B. Hentz	0	0	1	0	0	0	0	1	1	1/2	0	x	1/2	1	0	0	1	6
Q. Bocayuva Junior	1	0	0	0	0	1	0	0	1/2	1	0	1/2	x	1	0	0	1	6
Vicente Ouro Preto	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1/2	0	0	0	x	1	1	1	5 1/2
Armando Burlamaqui	0	0	0	0	0	0	1/2	0	0	0	0	1	1	0	x	0	1	3 1/2
Alvaro de Andrade	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	1	x	0	3
Libanio Lins	1/2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	x	1 1/2